



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Rosa Cristiana Portela de Sá

Relação do Público Sénior com o Museu de Olaria de Barcelos

Nome do Curso de Mestrado

Mestrado em Gestão Artística e Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Anabela Moura

Professora Doutora Angélica Lima Cruz

Abril de 2016

À memória dos meus avós

Rosa

Lima

Josefa

Leonardo

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do coração:

à Professora Doutora Anabela Moura e Professora Doutora Angélica Lima Cruz, pela dedicação na orientação e empenho nas reflexões críticas construtivas deste trabalho;

a todas as pessoas idosas que gentilmente participaram neste estudo;

à Dra. Cláudia Milhazes, diretora do Museu de Olaria, à Eng. Ana e a todos os colaboradores do museu, a forma carinhosa como fui acolhida e pela disponibilidade demonstrada ao longo do estudo;

à Margarida e à Fernanda que desde o início se mostraram disponíveis e entusiasmadas por esta investigação;

à Dra. Joelma pelo incentivo e apoio;

ao Filipe e à Sara;

às minhas amigas que incansavelmente me acompanharam nesta etapa: Diana, Carla, Manuela, Inês, Ana e Joana...

à minha mãe, pai e irmão.

Obrigada!

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise da relação do Museu de Olaria em Barcelos com o público sénior, onde se divulga e promove a tradição da Olaria e do Figurado e se implementa um programa específico destinado a este público, desde 2006. O ponto de partida do estudo relaciona-se com a constatação da baixa frequência desse público. A investigação-ação foi o método adotado, na medida em que ajudou a responder à necessidade de identificar transformações, seja ao nível das perceções dos idosos sobre o espaço do Museu e o conhecimento do seu património, seja ao nível da ação, recorrendo-se à recolha de dados através de ciclos de observação das ações e da reflexão colaborativa dos participantes. Do ponto de vista metodológico optou-se pela utilização da observação, inquéritos e entrevistas, fotografia e vídeo, por permitirem obter informação contextualizada sobre a importância da mediação cultural no contexto do Museu, o papel do fortalecimento de parcerias entre instituições e a exploração de novas estratégias relacionadas com visitas guiadas às exposições e atividades práticas na oficina do Serviço Educativo e Animação. A escolha da amostra recaiu em dois Centros de Convívio do Concelho de Barcelos. O resultado desta investigação-ação permitiu verificar que as diretrizes da Organização Mundial de Saúde e as novas estratégias utilizadas ajudaram a valorizar os saberes e conhecimentos dos idosos e contribuíram para a sua enorme motivação e bem-estar físico e psíquico. Mais ainda, as experiências cognitivas e sociais permitiram dar voz a cada um e facilitaram o seu confronto com os novos desafios envolvidos nesta investigação-ação. As conclusões deste estudo confirmam que a mediação cultural pode constituir uma estratégia eficaz para quebrar com as rotinas dos idosos, através da transformação dos espaços museológicos em locais de inspiração, aprendizagem e diversão.

Palavras-chave: Museu, Mediação Cultural, Público Sénior, Inclusão Social.

ABSTRACT

This study presents an analysis of the relationship between the Pottery Museum in Barcelos and the senior public, in which the tradition of pottery and clay-figurine is disseminated and promoted, and a specific program appropriated to this public is implemented, since 2006. The starting point of this study relates to the awareness of the low attendance of this public. The action research method was selected, as it helped to answer to the need of identifying change, either in the perceptions of the elderly about the Museum's space and to improve their knowledge about folk art forms, either through action, using data collection tools, as well as observation cycles and the collaborative reflection of all participants. From the methodological point of view, observation, inquiries, interviews, photography and video were used, since they provide background information on cultural mediation, role of partnerships between institutions, exploration of new strategies related to guided visits to the exhibitions and practical activities in the context of the Educational and Entertainment Services of the Pottery Museum in Barcelos. The sample included two Social Centres of Barcelos region. The findings of this action research have shown that the guidelines of the World Health Organization and the new strategies used in this study helped to enhance the knowledge and skills of all participants and they contributed to their enormous motivation and physical and mental well-being. Furthermore, cognitive and social experiences gave voice to each one and facilitated their confrontation with the new challenges involved in this intervention. The conclusions of this study confirm that cultural mediation can be an effective strategy to break with the routines of the elderly, through the transformation of the museum spaces into places of inspiration, learning and fun.

Key-words: Museum, Cultural Mediation, Senior Public, Social Inclusion.

ÍNDICE

Capítulo 1

1.0 Introdução.....	01
1.1 Declaração do Problema.....	01
1.2 Pertinência da Investigação.....	02
1.3 Finalidades da Investigação.....	03
1.4 Questões da Investigação.....	03
1.5 Sumário.....	03

Capítulo 2

Revisão da Literatura

2.0 Introdução.....	04
2.1 Museu- Conceito.....	04
2.1.1 Identidade e Memória.....	05
2.1.2 Mediação Cultural.....	06
2.1.3 Papel dos Serviços Educativos dos Museus.....	09
2.1.4 Mediador e Visita ao Museu.....	11
2.1.5 Museus e Público Sénior.....	12
2.2 Museu de Olaria de Barcelos.....	14
2.2.1 Espólio do Museu.....	20
2.2.2 Programa Museu Sénior.....	22
2.3 Sumário.....	23

Capítulo 3

Metodologia da Investigação

3.0 Introdução.....	25
3.1 Selecção do Método de Investigação.....	25
3.1.1 Características do Método.....	26
3.1.2 Vantagens e Desvantagens da Investigação-Ação.....	27

3.2 Plano de Ação.....	28
3.3 Contexto.....	29
3.4 Amostra.....	30
3.4.1 Centros de Convívio.....	31
3.4.2 Participantes do Museu.....	33
3.5 Instrumentos de Recolha de Dados.....	34
3.5.1 Observação.....	34
3.5.2 Registos Visuais.....	35
3.5.3 Diário de Bordo.....	35
3.5.4 Inquérito.....	35
3.5.5 Entrevista.....	36
3.6 Considerações Éticas.....	36
3.7 Sumário.....	37

Capítulo 4

Descrição e Análise dos Ciclos de Ação

4.0 Introdução.....	38
4.1 Ciclo 1: Planificação da Ação.....	38
4.1.1 Reunião com os Responsáveis do Museu.....	39
4.1.2 Reunião com os Responsáveis das Instituições.....	40
4.2 Ciclo 2- Primeira Visita ao Museu.....	41
4.2.1 Descrição e Análise da Visita do Grupo 1.....	42
4.2.2 Descrição e Análise da Visita do Grupo 2.....	52
4.3 Ciclo 3- Segunda Visita ao Museu.....	62
4.4 Sumário.....	68

Capítulo 5

Resultados e Conclusões

5.0 Introdução.....	69
5.1 Perceções dos Idosos.....	70
5.2 Perceções dos Responsáveis pelos Centros.....	74
5.3 Perceções dos Responsáveis pelo Museu.....	77

5.4 Reflexão da Investigadora.....	78
5.5 Conclusões.....	80
5.6 Implicações desta Investigação para Futuros Estudos e Práticas.....	83
 Bibliografia.....	 86

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Museu de Olaria.....	15
Figura 2- Museu de Olaria.....	16
Figura 3- Entrada do Museu de Olaria.....	17
Figura 4- Sala da Receção.....	17
Figura 5- Sala de Exposição Temporária.....	17
Figura 6- Sala da Capela.....	18
Figura 7- Sala de Exposição Permanente.....	18
Figura 8- Oficina do Serviço Educativo e Animação.....	18
Figura 9- Sala de Restauro.....	19
Figura 10- Sala de Reservas.....	19
Figura 11- Sala de Documentação.....	19
Figura 12- Auditório.....	20
Figura 13- Museu de Olaria.....	29
Figura 14- Visita à exposição <i>Olaria Norte de Portugal</i>	44
Figura 15- Visita à exposição <i>Olaria Norte de Portugal</i>	44
Figura 16- Visita à exposição <i>Olaria Norte de Portugal</i>	45
Figura 17- Visita à exposição <i>Olaria Norte de Portugal</i>	46
Figura 18- Visita à exposição <i>Representações do Mundo Rural no Figurado</i>	46
Figura 19- Visita à exposição <i>Representações do Mundo Rural no Figurado</i>	47
Figura 20- Visita à exposição <i>Representações do Mundo Rural no Figurado</i>	48
Figura 21- Visita à exposição <i>Representações do Mundo Rural no Figurado</i>	49
Figura 22- Elevador de acesso ao 2º Piso da Sala da Capela.....	49
Figura 23- Exposição <i>Antes do Céu</i> de Pedro Figueiredo na Sala da Capela.....	50
Figura 24- Exposição <i>Antes do Céu</i>	50

Figura 25- Visita à exposição <i>Antes do Céu</i>	51
Figura 26- Visualização do filme no auditório do Museu	55
Figura 27- Visita à exposição <i>Representações do mundo rural no</i> <i>Figurado</i>	56
Figura 28- Visita à exposição <i>Representações do mundo rural no</i> <i>Figurado</i>	57
Figura 29- Visita à exposição <i>Representações do mundo rural no</i> <i>Figurado</i>	57
Figura 30- Visita à exposição <i>Representações do mundo rural no</i> <i>Figurado</i>	58
Figura 31- Atividade de Pintura do Galo.....	59
Figura 32- Atividade de Pintura do Galo.....	59
Figura 33- Atividade de Pintura do Galo.....	60
Figura 34- Atividade de Pintura do Galo.....	61
Figura 35- Atividade de Pintura do Galo.....	61
Figura 36- Exposição Artes Sénior.....	63
Figura 37- Exposição Artes Sénior.....	63
Figura 38- Grupo de Rio Côvo Sta. Eugénia na exposição Artes Sénior.....	64
Figura 39- Grupo de Carapeços na exposição Artes Sénior.....	65
Figura 40- Exposição Artes Sénior.....	66
Figura 41- Exposição Artes Sénior.....	67
Figura 42- Exposição Artes Sénior.....	67
Figura 43- Lanche no espaço exterior do museu.....	68

ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1 Cronograma do Plano de Ação.....	28
Tabela 2 Caraterização do Grupo 1.....	31
Tabela 3 Caracterização do Grupo 2.....	32
Tabela 4 Descrição da Atividade do Grupo 1.....	43
Tabela 5 Descrição da Atividade do Grupo 2.....	53
Tabela 6 Perceção dos Idosos.....	76
Tabela 7 Perceções dos Responsáveis pelos Centros.....	76
Tabela 8 Perceções dos Responsáveis pelo Museu.....	77
Tabela 9 Perceções da Investigadora.....	79

Anexos

Anexo I – Programa Museu Sénior.....	92
Anexo II – Cartaz e Convite da exposição Artes Sénior.....	94
Anexo III – Guião de entrevista à Diretora do Museu.....	96
Anexo IV – Guião de entrevista à Responsável pelo Serviço Educativo do Museu.....	99
Anexo V – Guião de entrevista aos Responsáveis pelos Centros.....	101
Anexo VI – Inquérito aos Idosos na primeira visita ao museu.....	104
Anexo VII – Inquérito aos Idosos na inauguração da exposição Artes Sénior.....	109
Anexo VIII – Pedidos de autorização.....	112

Capítulo 1

1.0 INTRODUÇÃO

Os museus são parte integrante da sociedade e estão cada vez mais ligados a problemáticas diversas como as questões de inclusão e coesão social. A partir da exigência de mudanças de paradigmas de atuação, o museu deixou de ser um espaço passivo de depósito de objetos, para se assumir como um espaço facilitador e potenciador de aprendizagens, criador de ambientes e condições propícias ao desenvolvimento e construção de competências, onde cada visitante pode ter um papel ativo na construção da interpretação das suas experiências (Silva, 2007). Este carácter integrador permite-lhe assumir um papel fundamental na coesão social, proporcionando um suporte à inclusão social através, não só de atividades educativas, mas também de lazer e entretenimento. Atualmente este espaço, segundo Silva (2007) é um referencial de educação, socialização, cultura, informação e lazer, onde se dinamizam diferentes práticas culturais, com vista a assumir a sua missão de intervenção social junto dos diversos públicos. Segundo este investigador, enquanto espaço cultural, o Museu tem um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade e enquanto criador de ambientes possibilita o acesso à informação, à troca de experiências e aprendizagens que contribuem para a construção de cidadãos mais informados, participativos, exigentes, críticos e criativos na sociedade, indo ao encontro da atual definição da *Museums Association* que coloca as pessoas como principal foco na prática museológica, quando afirma que “os museus permitem às pessoas explorar coleções para se inspirarem, para aprenderem e para se divertirem” (Faria, Teixeira & Vlachou, 2013:14).

1.1 Declaração do Problema

Atualmente vivemos em sociedades cada vez mais envelhecidas e segundo o site da *Pordata*, o concelho de Barcelos não é exceção, apresentando 16.547 pessoas pertencentes ao grupo etário com mais de 65 anos. Se por um lado, apresenta um índice de envelhecimento de 82,7%, a taxa de longevidade no concelho é de 45,5%, o

que indica que as pessoas vivem mais tempo que necessita ser preenchido e vivido de forma saudável e feliz. O crescente grupo sénior traz a consciência da existência da velhice como uma questão social, onde se reflete a crise de identidade, mudança de papéis, reformas, perdas diversas e diminuição de contactos sociais (Mendes, Gusmão, Faro & Leite: 2005). As transformações naturais e graduais decorrentes do processo envelhecimento, tanto ao nível físico, psicológico e social, são muitas vezes encaradas como dolorosas e tristes, compostas por vários entraves que condicionam a velhice. Neste sentido questiona-se aqui o papel que os Serviços Educativos podem ter, no sentido de ajudarem a promover o bem-estar da pessoa idosa, tornando-a mais ativa e ajudando-a a ocupar os seus tempos livres com atividades que permitam exercitar o raciocínio em momentos de lazer, convívio e socialização. Considerando que os museus existem para as pessoas, tem havido a necessidade de repensar o seu funcionamento, reconfigurando, adaptando e reforçando o seu papel nas comunidades.

Neste sentido o museu, sendo um espaço aberto à comunidade e com responsabilidade social, deve contribuir para o bem-estar deste segmento geracional, em parceria com as várias instituições ligadas à ação social, proporcionando um serviço adequado e de qualidade. Apesar do Museu de Olaria de Barcelos ter desenhado um programa específico, desde 2005, intitulado *Museu Sénior*, verifica-se uma baixa procura deste espaço cultural, o que obriga à necessidade de encontrar novas estratégias de aproximação e fidelização deste público a esse espaço.

1.2 Pertinência da Investigação

O envelhecimento da população acarreta vários desafios e problemas às sociedades atuais e, neste sentido abre-se uma nova perspetiva sobre o papel das instituições culturais nas comunidades. Segundo dados dos Censos 2011, Portugal apresenta-se atualmente como o 7º país mais envelhecido do mundo, apresentando um aumento da população com mais de 65 anos. O universo da população com 65 ou mais anos representa 19% da população total do território nacional, com 2,023 milhões de pessoas. O peso numérico deste grupo etário na sociedade atual resulta da quebra da natalidade, do aumento da esperança de vida e da forte emigração entre os anos 60 e 70 (Faria, Teixeira & Vlachou, 2013). Contudo, este crescimento da população idosa não se verifica somente em Portugal e de acordo com o *US Census Bureau*, em 2030, haverá em todo o mundo, uma média de 21% de pessoas com menos de 18

anos e 22% de pessoas com mais e 65 anos de idade (Oliveira, Souza, Freitas & Ribeiro, 2006:8). Tal constatação justifica a necessidade de investigar novas metodologias implementadas nos museus, que facilitem uma análise processual de experiência museológica. Neste trabalho, a minha intenção será dirigida para os pressupostos educacionais e de lazer apadrinhados pelos Serviços Educativos do Museu de Olaria de Barcelos.

1.3 Finalidades da Investigação

Esta investigação tem as seguintes finalidades:

- Investigar estratégias adequadas à criação de hábitos de visita do público sénior ao espaço do museu;
- Refletir sobre o processo de articulação, transferência e disseminação da experiência museológica para os visitantes seniores que frequentam o Museu de Olaria de Barcelos.

1.4 Questões da Investigação

- Que estratégias são utilizadas no Museu de Olaria de Barcelos para acolher o público sénior?
- De que forma a mediação sociocultural e artística contribui para a inclusão dos idosos, enquanto agente de aprendizagens?
- Que estratégias ajudam a captar a atenção dos visitantes e a melhorar a comunicação?

1.5 Sumário

Este capítulo apresentou a introdução, problema da investigação, finalidades, questões e conceitos chave da investigação. Identificou ainda a necessidade de rever teorias e práticas relacionadas com os museus e Serviços Educativos direcionados para o público Sénior.

Capítulo 2

REVISÃO DE LITERATURA

2.0 Introdução

Este capítulo apresenta a definição dos termos chave e a revisão de literatura de modo a sustentar os objetivos e a pertinência desta investigação.

2.1 Museu- Conceito

Desde a Antiguidade que o ser humano coleciona objetos e os tenta conservar através dos tempos, por lhes atribuir valor afetivo, artístico, cultural, científico, histórico ou simplesmente material (Santos:2009). O mesmo autor, refere que o museu surgiu com o propósito de arquivar, investigar, conservar e divulgar esses mesmos objetos para as gerações futuras. No entanto, as suas funções foram-se alterando com o passar dos tempos, sendo hoje considerado um espaço referencial de educação, socialização, cultura, informação e lazer, assumindo-se como um espaço dinamizador de diferentes práticas culturais e com um papel fundamental de intervenção social junto dos diversos públicos.

A *International Council of Museums*, a maior organização internacional de museus, reconhecida e adotada pela UNESCO, considera que um museu deverá ter um conjunto de funções:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição (Comissão Nacional Portuguesa do ICOM, 2003:16, in Mendes,2010).

Amado (2011), afirma que, segundo Hugues de Varine (1996:12) o Museu pode assumir diferentes formas de funcionamento: o museu espetáculo, o museu-coleção e o museu comunitário. Relativamente ao primeiro, podemos considerar o modelo que

tenta impressionar o público recorrendo às novas tecnologias, gerindo os seus espaços de forma apelativa, o que significa opções muito mediáticas. O modelo coleção não é direccionado, como o anterior, para turistas e grupos, mas para público específico e especializado, que procura neles uma exclusividade temática. Varine (1996:12) define esse público de “inteligente”. Por fim o modelo de museu-comunitário, ou, segundo o mesmo autor, museu de vocação global ou integral, privilegia um espaço vivo, onde as preocupações se relacionam com as necessidades das populações.

Segundo Cruz (2012:35) o setor museológico *sofre maior influência nos museus locais e regionais, pois visam organizar e preservar os vários documentos, representativos das vivências passadas e presentes de cada local, culturalmente individualizadas.*

Margarida Faria, em 1995 refere que há diversos aspetos demonstrativos dos seus objetivos/funcionalidades, lendo a citação

(i) Museu como produto cultural, que se insere numa economia cultural-ou seja, num processo de produção e consumo cultural; (ii) o museu é um sistema de significação característico de determinado tempo histórico e é portanto, socialmente contingente, envolvendo simultaneamente formas dinâmicas de interação social e modos de percepção; (iii) a experiência museológica (para o seu público) insere-se numa determinada experiência global de lazer e tem de ser posta em confronto com outros espaços e outras esferas que envolvam diferentes estratégias de ocupação dos tempos de lazer por diferentes grupos de indivíduos.

2.1.1 Identidade e Memória

Os museus são lugares de interpretação e preservação da memória por se concentrarem em recuperar, manter e perpetuar a identidade de um território (Santos, 2009). Duarte, descreve museu como:

... altos lugares de memória que recolhem, conservam e apresentam imagens e os objetos com os quais uma comunidade estrutura e organiza segmentos ou paráfrases, seja da memória colectiva das sociedades ou dos grupos que a constituem, seja da memória histórica elaborada pelas elites académicas e científicas (2007:79).

Por outras palavras, Duarte (2007) considera o museu como um elemento fundamental para a construção das representações de identidade das comunidades e dos seus membros, sendo através dele que se estabelece a ponte entre o passado e o presente e se regista uma memória coletiva. Mais ainda, o museu é entendido como um marco de identidade, criando um sentido de pertença na comunidade, onde cada indivíduo sente que um pouco da sua própria história se encontra lá representada.

Concluiu-se que o museu assume um papel fundamental de mediação entre a comunidade local e o património que representa, preserva e coloca à fruição. É através da estratégia de reconstituição, de interpretação das características locais de um determinado território que o museu dá a conhecer a sua identidade atual e passada através duma perspetiva de reconstituição (Duarte, 2007). A mesma autora refere, que as pessoas fazem uma viagem no tempo revendo-se de alguma forma, nas obras/peças expostas em museus, particularmente locais, remetendo-as para sua memória, transportando-as para a sua infância ou para o tempo dos seus familiares. A memória ou vivências, das pessoas são exploradas a partir do contacto com os objetos que permitem a construção de significados e compreensão da sua história e identidade. Porém, a valorização do espaço museológico não é só válida para os membros da comunidade, conforme refere a mesma investigadora:

Por vezes, mesmo que os públicos não tenham nascido naquele local, os objectos podem suscitar comparações quando facilmente descodificados pelos próprios e, se por acaso dialogam com os familiares ou amigos durante a visita acerca do que estão a ver, o conhecimento está a realizar-se de uma forma eficaz (Duarte,2007:80).

2.1.2 Mediação Cultural

A mediação cultural surge no campo da natureza simbólica da cultura porque permite a circulação e interpretação de códigos culturais, assim como articular diálogo entre os mundos, visões e estilos de vida dos diferentes grupos sociais (Paula, 2012:58).

Para Araújo (2004:4), a cultura pode ser entendida como produção cultural, quando engloba um *sistema de significações incluindo práticas significativas, contemplando as seguintes dimensões: a cultura como modo de vida global, como sistema de significações e como atividades artísticas e intelectuais.*

Por outro lado, segundo Paula (2012:57), cultura engloba três dimensões considerando que tanto as vidas ordinárias como a produção artística, literária e poética são práticas culturais porque carregam em si significados e valores formulados no coletivo, nas interações humanas.

O tema da mediação cultural surge em diversas instituições e equipamentos culturais com vista à formação e aproximação dos diversos públicos às artes e à cultura. Martins e Viane (2014) analisam este conceito no seu artigo intitulado *La Mediación Socioeducativa como Ecología de la inclusión Escolar*. Elas referem que o conceito de mediação socioeducativa não termina na mediação de conflitos e tem a finalidade de transformar práticas, que segundo as autoras permitem a construção de pontes de comunicação. No contexto das escolas, elas entendem esse contexto como um objetivo fundamental que permite uma participação ativa e responsável, em projetos comuns, por parte dos agentes educativos (Martins e Viane, 2014:17).

Esta aproximação faz-se através da mediação que Thais Paula (2012) citando Lalande (1993) designa como relação de entre meios, entre indivíduos e objetos, ou entre indivíduos e instituições. O mesmo se passa com os profissionais dos Serviços Educativos que devem estabelecer a ligação dos equipamentos e instituições culturais com os indivíduos, atuando como aproximadores ou afastadores, conforme a eficácia ou fracasso das suas ações. No meio destas duas margens que se pretendem unir surge o agente mediador.

A palavra mediação pode surgir com diferentes significados evocando vários sentidos. Numa abordagem etimológica esta palavra surge do grego *mesou* que significa *conciliação, intervenção (...) no sentido de ter participação ou poder de decisão, ou meios de alterar ou modificar*, do latim *mediatio* que significa *o que está no meio, centro, entre dois, que concilia duas coisas contrárias* e da língua alemã *mitte* (meio) *que designa os meios ou recursos, o que serve para atingir uma finalidade ou propósito* (Paula, 2012:45-46).

O termo mediação surge em várias áreas do conhecimento tais como direito, psicologia, comunicação, educação, filosofia, ciências sociais entre outras, mas no âmbito cultural é interpretado através da perspectiva das Ciências Humanas como *processos de comunicação entre culturas, compreendida num sentido mais amplo, com foco nas interações sociais* (Paula, 2012:57).

Perante um sistema cultural complexo, na realização deste diálogo é necessário estabelecer dinâmicas, onde a mediação cultural possa ser entendida como trabalho

de aproximação entre sujeitos, produtos e artefactos¹ culturais, tais como obras de arte, livros, exposições, espetáculos e o acesso aos espaços culturais. Neste processo de produção, difusão e apropriação surge o mediador que dirige processos de diferentes naturezas, segundo Teixeira Coelho (2004:248), com a finalidade:

... promover a aproximação entre indivíduos ou coletividade e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual-com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca de formação de públicos para a cultura - ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural.

As atividades profissionais na área cultural são difíceis de distinguir pela sua profusão de competências e funções. Na mediação cultural surge segundo Paula (2012), a mesma dificuldade, pois no desempenho desta função podemos encontrar orientadores de oficinas culturais, monitores de exposição de arte, animadores culturais, museólogos, curadores, profissionais das diversas áreas. Costa (2009) acrescenta que o profissional da mediação cultural trabalha envolvido numa equipa, numa biblioteca, num museu, numa sala de concerto ou numa galeria de arte, atuando com diversos atores e explica o seguinte:

...sendo encarregado da ação cultural, programador de espetáculos, animador cultural, assessor de imprensa (...) aquele profissional que na cadeia produtiva da cultura trabalha com diversas linguagens, sabendo dialogar com as fontes de financiamento, os artistas e os públicos, para que tenhamos algum movimento da área cultural (2009:4-5).

Neste sentido, existem duas orientações sobre a prática de mediação cultural. Por um lado há uma linha de pensamento que defende o mediador como um acompanhante, tradutor e orientador do público, por outro há um mediador que elabora atividades culturais, que podem envolver planeamento pedagógico e atividades administrativas (Paula, 2012). No entanto, Marandino acrescenta que, para além das funções de um mediador, *todos assumem a tarefa de tornar o conhecimento produzido acessível aos mais variados públicos, despertando curiosidades, aguçando interesses, promovendo o contato com o património* (2008:5).

Sendo um espaço de ação cultural, o museu desenvolve ações que concretizam o diálogo, da instituição com o público, dando-lhes novos significados (Marandino, 2008:28). Essa ideia de diálogo é reforçada por Bina (s.d:1) quando refere que, ao mediador cabe a responsabilidade de gerar e/ou reforçar aspetos de aproximação dos

¹ Artefactos: Objeto da cultura material que dá simultaneamente prazer e que tem uma finalidade funcional, económica e social. Se o prazer dado predomina sobre a função, o artefacto é chamado arte (Glanie,1972, In Moura e Cruz, 2006:50).

vários tipos de público aos espaços museológicos, procurando a interlocução entre o visitante e a coleção, através de uma comunicação objetiva tendo em atenção as diversas classes sociais, graus de instrução ou faixas etárias. Assim, torna-se fundamental que os mediadores desenhem estratégias inovadoras atraentes e emocionantes que atendam os visitantes independentemente do capital cultural acumulado que possuam.

2.1.3 Papel dos Serviços Educativos dos Museus

A instituição museu tem vindo a sofrer alterações nas últimas décadas, e a reformulação conceptual ganhou novo impulso a partir da década de oitenta, nomeadamente no perfil no desempenho das suas funções incidindo particular atenção na forma como se relaciona com a sociedade. Com vista à aproximação do público com os museus surgiu o conceito de Serviço Educativo (S.E.). Por um Serviço Educativo entende-se, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, no artigo 1º da Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto,

... um conjunto organizado de estruturas e de ações diversificadas, por iniciativa e sob responsabilidade de diferentes instituições e entidades públicas, particulares e cooperativas (...) é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.

Barriga salienta que surge no âmbito dos museus a exigência de se assumirem como agentes educativos na promoção de atividades que visam a transmissão de saberes socioculturais, como menciona a Lei de Quadro dos Museus Portugueses, no artigo 42º

... o museu deve desenvolver de forma sistemática programas de mediação cultural e atividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais (2007:38).

Cury reforça essa ideia e acrescenta:

... o museu é agência de preservação e educação e base para o desenvolvimento – porque não há desenvolvimento sem educação e não há educação completa sem consciência patrimonial – e para a mudança social – porque participa da dinâmica cultural e na construção da democracia (2008:1).

Sendo o acesso à cultura uma questão primordial para o crescimento e parte indissociável dos direitos humanos que tomam como referência básica a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, o museu assume-se como transmissor e divulgador de cultura, formação da sensibilidade, da expressividade, da convivência e da construção de cidadania.

Neste sentido, o museu é um espaço importante de intervenção socioeducativa, na medida em que promove aprendizagens, experiências e é um elemento fundamental para a construção das representações e identidades das comunidades. Sendo, cada vez mais a educação considerada um processo ao longo da vida, esta envolve todos os agentes educativos, valorizando não somente a educação formal, que prepara para o mundo do trabalho, como todos os espaços e contextos que promovem aprendizagens não formais, isto é, que ocorrem fora do sistema formal de ensino. Segundo Paula (2012:54-55), os museus são considerados locais de educação não formal, a partir do documento da UNESCO, de 1972, "*Learning to be – The Faure Report*" e define educação não formal como

...qualquer actividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objectivos de aprendizagem.

Trigo (2012) cita Martim (2007) e afirma que as experiências de educação são condicionadas pelas circunstâncias pessoais e particulares dos sujeitos, pela valorização das suas necessidades e interesses, e pelo contexto ambiental e situacional. Para além deste fatores, a mesma autora salienta que a participação e incidência de pessoas idosas em atividades educativas e de aprendizagem podem ser condicionadas pelos conhecimentos gerontológicos disponíveis sobre aspetos afetivos, cognitivos e motivacionais dos mesmos. Através dos Serviços Educativos, as instituições culturais nomeadamente bibliotecas, museus, teatros, entre outros, assumem o seu importante papel na formação do ser humano ao longo da sua vida, e onde

... se potencia diferentes estilos e perfis de aprendizagens que premeiam a entreaajuda, tolerância, inclusão, complementaridade, criatividade e cidadania ativa conferindo-lhe um papel multidisciplinar (Silva, 2007:64).

Nessa lógica, onde se realça a ideia que aprender contribui e incentiva o indivíduo a ser mais participativo na sociedade, o museu potencia a formação cultural dos indivíduos, através de aprendizagens não formais, construtivas e críticas.

... a educação deve servir de instrumento para prolongar, até à terceira idade, a intensa socialização e consequente direito à permanência na sociedade intelectualmente ativa, que se inicia no período da infância e só deve terminar por ocasião da morte do indivíduo (Villani,2008:62).

Faria, Teixeira e Vlachou (2013) referem que a participação coletiva e social vai sendo fomentada pelas mudanças na condição de vida das pessoas mais velhas, nomeadamente a longevidade acrescida, a melhoria dos cuidados de saúde, a situação económica mais favorável e sobretudo o aumento da escolaridade. Para se desenvolver essa procura de participação na vida coletiva é necessário um aprofundamento das respostas institucionais, de forma a ir ao encontro da procura social e cultural de uma população cada vez mais exigente. Mas sendo o museu um espaço para todos e ressaltando a sua missão de espaço de inclusão social, este também deve atender as pessoas com menos escolaridade, no sentido de contrariar os efeitos negativos que pode causar a velhice, nomeadamente a deterioração cognitiva e demencial.

Assim, pode concluir-se que o processo de aprendizagem no contexto do museu deve ser ativo e partilhado na construção de significados. O carácter interventivo do museu na educação do cidadão, abriu espaços de sociabilidade, onde se promove a partilha de ideias e de saberes que contribuem para o desenvolvimento integral do cidadão. Os seus principais objetivos são o estudo, a divulgação e a salvaguarda do seu espólio tendo os Serviços Educativos um papel fundamental na mediação entre público e o museu.

2.1.4 Mediação e Visita ao Museu

Os artefactos permitem compreender aspetos sociais, históricos, técnicos, artísticos e científicos, que possibilitam tanto uma análise pessoal, como uma discussão entre os visitantes e animadores.

Dentro do museu, os mediadores têm diversas possibilidades de ação e, nesse sentido devem possuir uma formação sólida. Porém, Marandino (2008:29) considera que a formação do mediador se dá no quotidiano através das ações educativas no contexto do museu atendendo a que se deve pensar a formação destes profissionais nos aspetos de conteúdo específicos, mas também nos aspetos voltados para a educação e divulgação de conhecimentos.

A mesma autora afirma que na mediação há aspetos que podem ser planeados, como o percurso pelo museu que deverá evitar longos períodos de exposição oral e leitura longa, os temas relevantes, as questões que podem ser colocadas em determinado trajeto, o tempo da visita. No entanto, refere que há fatores que não são planeáveis e a que o mediador deverá dar resposta.

Marandino (2008:20-21) alega que o museu deve favorecer o acesso aos seus artefactos, nas ações educativas, dando-lhes sentido e promovendo leituras sobre eles. O que se aspira ao final de uma visita não é a quantidade de conteúdos transmitidos sobre a exposição mas sim a qualidade das interações humanas estabelecidas.

Uma visita a um museu deve ser mais do que divertimento, pois não só estimula a aprendizagem e a observação, mas também promove o exercício da cidadania, tanto através das suas atividades educativas, como através do estímulo à participação dos mais diversos grupos de pessoas dos vários níveis socioeconómicos.

No percurso de uma exposição há um diálogo constante entre o visitante e o ambiente, devendo o mediador ajudar a descodificar as informações contidas nas exposições. Para isso deve previamente munir-se de informações sobre o visitante, no sentido de fazer a ponte entre os conhecimentos, conceitos, vivências, ideias do visitante e aquelas que são apresentadas no museu, pelo que é necessário elaborar estratégias adequadas, eficazes e estimulantes. Segundo a mesma autora, a forma como a visita é realizada é também determinada pelo espaço físico do museu. Sendo na maior parte das vezes um trajeto aberto, o visitante deve ser cativado pela exposição durante o seu percurso, devendo o mediador preparar os dispositivos de receção e organizar o tempo para evitar o possível cansaço nestas experiências. A montagem de uma exposição deve seguir um fio condutor, não devendo ser compreendida como uma sucessão de temas independentes, pois a sua fruição e compreensão dependerá da forma como é delineado o seu percurso.

2.1.5 Museus e Público Sénior

Faria et al (2013) alegam que a população sénior é um potencial público ao qual o universo museológico deverá prestar especial atenção. O aumento do tempo livre depois da reforma e a necessidade de o ocupar, fazem da instituição museu um

potencial serviço a ser prestado para este segmento etário, devendo-se potenciar uma relação eficaz e duradoura. Perante este cenário e pela falta de investigação no âmbito desta temática, estes investigadores elaboraram o estudo "Museus e Público Sénior em Portugal" em 2013, com o intuito de avaliar a relação do público sénior com os museus, tendo refletido sobre a necessidade de promoverem atividades adequadas a este público. Estes autores sustentam a sua análise em algumas experiências internacionais relevantes sobre esta temática. Dos estudos consultados, destacam o realizado pelo *National Museum of Australia*, em 2002, que refere o papel dos museus na inclusão na vida ativa deste segmento etário, proporcionando o contacto com a vida contemporânea da comunidade, reduzindo os efeitos de isolamento e exclusão social. O artigo *Senior Service* elaborado por Deborah Mulhearn, publicado em 2010 na revista *Museum Practic* alerta para a diversidade deste público em termos socioeconómicos, níveis de instrução, hábitos de visita a museus, capacidades físicas e mentais, que trazem implicações tanto ao nível da acessibilidade (física e intelectual) do museu, mas também ao nível da programação. (Faria et al, 2013).

Estes autores também destacam o estudo realizado pelo Museu da Ciência em Boston, na criação de uma exposição itinerante denominada *Secrets of Aging* destinada ao público sénior e que teve grande sucesso devido à sua temática. A exposição envolveu consultores seniores em todas as fases da sua construção. A partir deste estudo, recolheram-se as perceções dos inquiridos seniores sobre os aspetos da criação e do design das exposições que, nas suas opiniões, têm aplicação universal e que incluem a aquisição de mais cadeiras; maior tamanho na letra das legendas e nos painéis, percurso orientado em vez de livre; menos objetos; secções menos densas e com mais espaço para circular; iluminação adequada para leitura de legendas; posicionamento em altura adequado, tanto dos objetos expostos, como das legendas, considerando também as pessoas que usam cadeiras de rodas; conteúdos que tenham particular interesse para a Terceira Idade. Neste estudo salienta-se o conceito de "museu para as pessoas", sustentado na mudança de paradigmas da prática museológica, em que se defende que o museu não vive sem pessoas e que sem elas são espaços "distantes, frios, incompreensíveis e conseqüentemente, irrelevantes". Os mesmo investigadores (idem, 2003) refletem sobre a questão da sobrevivência dos museus do séc. XXI segundo a obra de Kenneth Hudson e argumentam que a sustentabilidade dos museus no futuro passa pelos afetos, pela relevância e pelo acesso aos mesmos, onde as cadeiras nos aparecem como representação de um espaço acolhedor, aberto, convivial e envolvente. A partir da análise destes estudos sobre museus, os autores realçam a necessidade de:

- Maximizar a relação do museu com o público sénior e reforçar a prática de consumo cultural;
- Atender às necessidades de convívio, aprendizagem e divertimento do público em geral e especificamente sénior, contribuindo para um envelhecimento ativo;
- Promover redes de solidariedade e de sociabilidade que interajam com os museus;
- Reformular as condições de acessibilidade considerando que as visitas de pessoas com mais de 75 anos tendem a diminuir, devido à degradação das condições físicas e mentais;
- Contemplar este segmento etário nas programações museológicas;
- Consciencializar para a necessidade de diferenciação nas formas de abordagem e tipos de oferta dentro deste segmento etário;
- Procurar comunicar e tornar a sua oferta acessível e relevante aos grupos com menos escolaridade;
- Ir ao encontro das pessoas que não se podem deslocar ao museu;
- Organizar uma *mailing list* dos destinatários seniores e enviar regularmente informação sobre a programação.

2.2 Museu de Olaria de Barcelos

A tradição da olaria e do figurado de Galegos marca o contexto histórico, social e económico das pessoas do concelho de Barcelos e o Museu de Olaria assume uma relevante importância na sua divulgação e preservação. A arte da olaria e do figurado² confere a esta região, segundo o site da Adereminho (2015), elementos culturais de identidade significativa e está certificada desde o ano de 2008, com o objetivo de qualificar, preservar e salvaguardar os valores, saberes e as técnicas de uma produção que já é um ícone nacional para as gerações mais novas. O figurado de Barcelos tornou-se uma referência do artesanato português, sobretudo através de Rosa Ramalho, a artesã mais mediática do figurado de Galegos a partir dos anos 1960 (Cruz, 2009). Com a viragem protagonizada por Rosa Ramalho, as produtoras de figurado passaram a ser tratadas por barristas e as figuras produzidas por elas de figurado. Esta produção passou por diferentes designações, nomeadamente: pequena estatuária, bonecos, louça³, figurado sortido e figurado grande.

² Figurado- Produção de figuras em barro, na sociedade rural do Minho (Moura e Cruz, 2006:42).

³ Louça: designação que abarcava toda a produção em barro da região (Cruz, 2009).

A habilidade dos oleiros e das barristas, na arte deste ofício confere a estes artefactos, um papel de testemunha de vivência e saberes coletivos com características próprias, e que por esse motivo lhes atribui valor de identidade coletiva, representativa de uma cultura específica.

Para promover, divulgar e perpetuar estas produções concelhias nasceu o Museu de Olaria em Barcelos, em 1963. Segundo informação no web site do museu, este abriu ao público a 29 de julho de 1995 no centro histórico de Barcelos, na antiga casa dos Mendanhas Benevides Cyrne, edifício do século XVIII.

A instituição nasceu com a doação do etnógrafo barcelense Joaquim Selles Paes de Villas Boas, que doou cerca de 700 peças representativas do figurado e da olaria do concelho de Barcelos mas também de várias regiões do país, da lusofonia e de outros países estrangeiros. Neste momento o Museu tem uma vasta coleção de nove mil peças, representativas da cerâmica portuguesa fosca e vidrada de várias regiões do país, assim como de países como Angola, Argélia, Brasil, Timor, Guiné, Espanha e Cabo Verde. Toda a dinâmica do Museu enfatiza a promoção da cultura local, nomeadamente o universo da olaria e do figurado, a nível regional, nacional e internacional.



Fig. 1: Museu de Olaria, 20 de maio de 2015 © Sá

Para além de estudar, documentar e conservar, o museu pretende valorizar a olaria como testemunho e documento de uma tradição. A partir do estabelecimento de parcerias com outras entidades, pretende alargar e diversificar os seus públicos e divulgar o património cultural etnográfico.

Para além de proporcionar tempos de lazer aos seus visitantes, tem um importante papel na sua formação, promovendo o conhecimento sobre a história local e as suas gentes, costumes e hábitos, através das obras expostas, e permite salvaguardá-las para as futuras gerações. No Museu de Olaria registam-se anualmente, segundo informação da Diretora do Museu, 12000 visitas.



Fig. 2: Museu de Olaria, 17 de fevereiro de 2016 © Sá

Este museu faz parte da Rede Portuguesa de Museus desde 2000, tendo como principais objetivos a promoção da articulação dos museus, a divulgação das informações e práticas museológicas, a qualificação e valorização da realidade museológica nacional. Neles se promove a partilha de ideias e se potenciam trocas de experiências, desencadeiam-se processos de construção de conhecimento assumindo-se como “*uma instituição cultural e local de emancipação da sociedade, fundadora de consciências críticas e de agentes construtivos de mudanças, nos vários campos do conhecimento e das expressões*” (Barriga, 2007:43).

O museu é composto por uma sala que funciona como local de receção dos grupos visitantes (fig.4) onde se podem observar brinquedos de barro para além de esporadicamente ser local de pequenas exposições; três salas de exposições, duas temporárias (Figs.5 e 6) e uma permanente (Fig.7), que acolhem trabalhos de conceituados barristas/escultores/ceramistas; oficina do Serviço Educativo e Animação, onde se realizam atividades lúdico pedagógicas (Fig.8); sala de restauro (Fig.9) destinada à conservação e restauro de objetos cerâmicos; sala de reservas (Fig.10) dotada de condições ambientais e climatéricas convenientes à preservação do acervo do museu; sala de documentação (Fig.11) que reúne um vasto conjunto de documentos divididos em duas grandes áreas: cerâmica e etnografia; um auditório (Fig.12) e gabinetes. É importante referir que o Museu está equipado com elevador, elevador de escadas e casas de banho adaptadas para pessoas portadoras de deficiência motora e utilizadoras de cadeiras de rodas Este museu não tem cafetaria, mas está prevista para breve a existência de uma loja aberta ao público. Quanto à oficina do Serviço Educativo e Animação, esta tem pequenas dimensões, o que condiciona as atividades com grandes grupos.



Fig. 3: Entrada do Museu de Olaria, 17 de fevereiro de 2015 © Sá



Fig. 4: Sala de Recepção, 17 de fevereiro de 2016 © Sá



Fig. 5: Sala de Exposição Temporária, 17 de fevereiro de 2016, © Sá



Fig. 6: Sala da Capela, 17 de fevereiro de 2016 © Sá



Fig. 7: Sala de Exposição Permanente, 17 de fevereiro de 2016 © Sá



Fig. 8: Oficina do Serviço Educativo e Animação, 17 de fevereiro de 2016 © Sá



Fig. 9: Sala de Restauro, 17 de fevereiro de 2016 © Sá



Fig. 10: Sala de Reservas, 17 de fevereiro de 2016 © Sá



Fig. 11: Sala de Documentação, 17 de fevereiro de 2016 © Sá

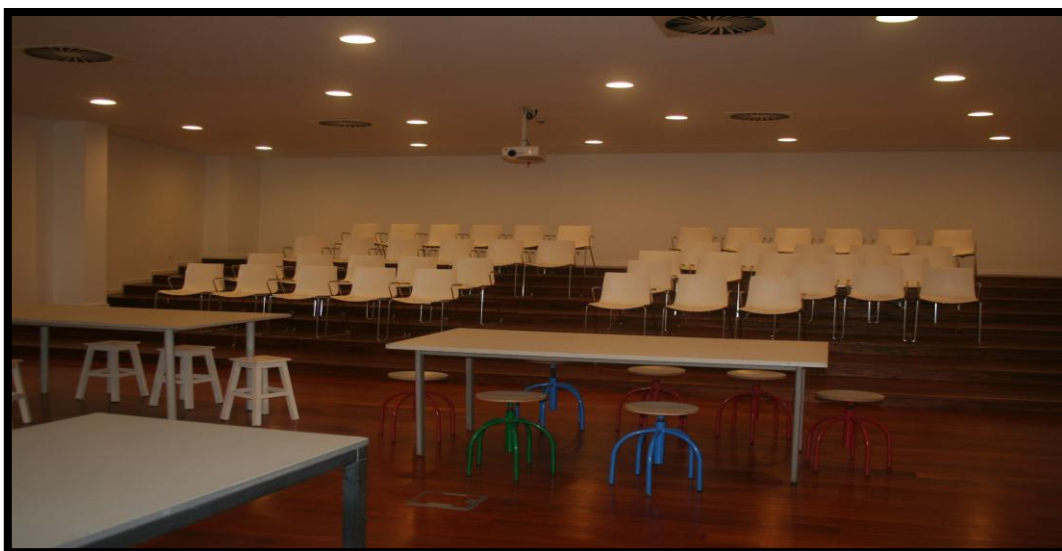


Fig. 12: Auditório, 17 de fevereiro de 2016 © Sá

2.2.1 Espólio do Museu

A tradição da olaria em Portugal é ancestral, mas na zona do concelho de Barcelos tem um carater de extrema importância, pois como já se afirmou previamente, é um elemento de identidade cultural, com características próprias que a diferenciam das restantes produções do país. Para além da promoção e ênfase das produções concelhias, este museu dá a conhecer outras produções nacionais e internacionais que também se dedicaram a esta arte, estabelecendo a ponte entre o local e o global, o passado e o presente, e entre as diferentes representações das várias identidades e culturas.

A produção de cerâmica desenvolveu-se nesta região pela proximidade de depósitos de argila de excelente qualidade do Rio Cávado, matéria-prima das atividades ligadas ao barro (Cruz, 2009). Como qualquer outra atividade artesanal, esta remete-nos para a necessidade do indivíduo criar objetos e artefactos para o seu uso quotidiano usando destreza, apuro técnico e habilidade manual, como afirma Lemos (2011:44).

... artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de suas atividade ocorrer o auxilio limitado de máquinas, ferramentas, artefactos e utensílios.

Seguindo este pensamento, a tradição da olaria é testemunha de vivências e saberes das gentes desta região que este museu pretende valorizar e salvaguardar para as futuras gerações.

A olaria de Barcelos distribui-se em dois grupos, a louça vermelha fosca e a louça vidrada com características fundamentalmente utilitárias, isto é, a sua tipologia é definida pela função que lhe é atribuída. Esta produção tem um caráter único devido à diversidade de formas e à

... profusão de elementos decorativos próprios que, aliada a um forte espírito de grupo dos oleiros e a um contexto social e económico intrinsecamente ligado ao barro, definem a região de Barcelos como um dos mais importantes núcleos de olaria de Portugal (Rios, Ramos & Rêgo, 2006:39).

É de destacar que a produção do figurado é vincada nesta região e nasceu como atividade complementar e subsidiária da olaria, sendo hoje considerada também símbolo identitário desta região. Enquanto os homens trabalhavam no torno do oleiro⁴, atividade essa rigorosamente definida como uma ocupação masculina (Cruz, 2009:21). Normalmente as suas mulheres, até 1999, usavam as sobras de barro da produção da olaria, para fazer pequenas figuras sortidas que eram complementadas com pequenos assobios cuja função era simplesmente lúdica. Por terem um custo baixo, eram vendidas nas feiras e serviam de brinquedos para às crianças de estatuto social baixo.

Nesta região de forte tradição no trabalho do barro, mulher e homem trabalhavam-no, mas havia divisão de tarefas. Os homens trabalhavam somente na roda de oleiro (torno) enquanto as mulheres faziam figurado sortido (Cruz, 2009:25).

Ao longo dos tempos foi sofrendo alterações, ganhando relevância e assumindo características muito particulares. Foi a partir de 1960, com a descoberta da barrista Rosa Ramalho, por António Quadros, professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto que o figurado começou a ser valorizado pelas elites portuenses e por pessoas ligadas ao mundo artístico, começando a ser consumidas por adultos de classe social elevada (Cruz, 2009:27). A partir de 1960, as barristas começaram a assinar as suas peças, passaram a ter maiores dimensões e a serem vendidas em lojas de artesanato, galerias de arte, feiras de artesanato e na casa das próprias barristas.

Do ponto de vista formal podemos referir que o figurado não se rege pelos cânones artísticos clássicos, daí a sua aparência grotesca e tosca, característica do

⁴ Torno do oleiro: Na região devido à sua forma, é referido como “roda de oleiro”. Torno é de facto, o nome desta máquina rudimentar (Cruz, 2009:21).

expressionismo popular. É possível identificar cinco temas abordados no figurado: o bestiário (fauna local e imaginário), cenas do quotidiano, festas, religião e sexualidade (Cruz, 2009).

No campo temático encontram-se mais inovações do que continuidades, como referem as autoras:

Entre as novas criações destacam-se pela sua variedade as que se relacionam com as práticas e crenças religiosas e as que se relacionam como quotidiano - os dois grandes vetores da vida: o sagrado e o profano (Moura & Cruz, 2006:45).

Segundo Milhazes (2002:16) a riqueza das peças produzidas no figurado de Galegos, são fruto de uma *dinâmica complexa resultantes de processos pulsionais, inconscientes regressivos e transferências, devaneios, medos, angustias, produções imaginárias que atravessam a atividade mental e emocional*. Neste sentido, esta autora refere que estas figuras insinuam uma leitura crítica do real, um olhar personalizado, em que o artesão projeta nas suas peças a sua realidade através da cópia, mas também a que imagina:

Entende-se por figurado, além da evidente relação com a figura, a representação marcada por uma vontade de realismo e de verosimilhança das personagens e das cenas produzidas. As peças convertem-se então em espelho de uma realidade e servem a um conhecimento e reconhecimento desta. Numa perspetiva de análise social as apresentações figuradas são do ponto de vista qualitativo e quantitativo de uma grande riqueza (2002:13).

2.2.2 Programa Museu Sénior

O Museu de Olaria implementou o seu Serviço Educativo no ano 1997, com o objetivo de aproximar o museu à comunidade. É através da sua oferta programática que pretende incentivar a visita ao museu e com isso criar laços que permitam a sua fidelização ao espaço. A divulgação dos seus programas é feita através da página www.museuolaria.pt. É através desta que promove as visitas guiadas e as atividades realizadas no âmbito da sua oficina lúdica e pedagógica, onde os participantes podem experimentar várias expressões artísticas, como por exemplo o desenho, a pintura e a modelagem.

Atualmente a equipa do Serviço Educativo e Animação (S.E.A.) é constituída por dois colaboradores, que pontualmente são auxiliados por estagiários, que desenvolvem as atividades, no espaço do museu para os vários públicos ou em contexto escolar. No ano de 2015, data em que decorreu este estudo, o museu tinha três exposições abertas ao público, que serviam de base para as atividades do S.E.A: *Representações do Mundo Rural no figurado, Olaria Norte de Portugal e Antes do Céu* de Pedro Figueiredo.

Especialmente desenhado para atender o público sénior, neste momento o museu tem o programa *Museu Sénior* (Ver anexo I, pág. 92). Este programa destina-se a pessoas com mais de 65 anos e reformados, contemplando visitas guiadas às exposições, precedidas de atividades práticas na oficina do Serviço Educativo e Animação, com modelagem em barro, pintura em azulejo ou visionamento de um documentário sobre olaria, segundo a responsável do seu S.E.A., constatou:

Museu Sénior é um programa que contempla atividades com diferentes temáticas, como o figurado e a olaria, que são duas vertentes de referência e de tradição do trabalho com o barro no concelho de Barcelos. A realização destas atividades permite aos participantes recordar de forma agradável aspetos da sua infância e, paralelamente, vivenciar com encanto experiências memoráveis e significativas.

Este programa visa sobretudo incentivar o público sénior a visitar museus; promover novas experiências e aprendizagens; possibilitar momentos de convívio e partilha entre os participantes contribuindo desta forma para uma vida mais ativa. O público sénior usualmente visita o Museu de Olaria de forma organizada, em grupos de visitas turísticas ou através das instituições que os acolhem.

2.3 SUMÁRIO

Este capítulo apresentou a revisão da literatura relacionada com Museus e sua relação com o público sénior.

Procurou justificar a importância dos museus como locais onde se promove a educação, a cultura e a socialização através dos Serviços Educativos, apresentando as vantagens destes mesmos serviços para a integração social da pessoa idosa. Também é de salientar que este público, no futuro, crescerá de forma exponencial nos museus, pelas projeções do aumento da população sénior. A partir das abordagens dos diversos autores mencionados realçou-se as necessidades e

expectativas do público sénior em relação à visita ao museu. Dessa revisão resultou a necessidade de conhecer melhor este público, de forma a encontrar novas estratégias de aproximação e programações que lhes sejam relevantes numa perspetiva de criar hábitos regulares de visita a este espaço. Mais ainda, verificou-se que o museu deve favorecer o estudo, a divulgação e a salvaguarda do seu espólio, pelo que os serviços educativos têm um papel fundamental nesse processo. Por fim, conclui-se ser fundamental selecionar estratégias para potenciar uma maior e melhor aproximação entre o público sénior e o Museu de Olaria em Barcelos.

Capítulo 3

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.0 Introdução

A presente investigação foi motivada pela inquietação da investigadora e Diretora do Museu de Olaria de Barcelos face à falta de assiduidade do público sénior a este espaço cultural. Apesar do museu de Olaria em Barcelos ter em execução um programa intitulado *Museu Sénior* destinado a pessoas seniores há cerca de dez anos e considerando que este reúne as condições necessárias para acolher estas pessoas, as visitas deste público são escassas e o seu número é reduzido no universo dos visitantes.

Este capítulo descreve a metodologia adotada nesta pesquisa, assim como a justificação do método selecionado. São apresentadas as suas características, vantagens e desvantagens e justificada a seleção dos instrumentos de recolha de dados. Também é feita a descrição do desenho do contexto, amostra, do papel da investigadora e as considerações éticas atendidas neste estudo.

3.1 Selecção do Método de Investigação

Esta investigação é de natureza qualitativa e o método que se considerou mais adequado foi o de investigação-ação, por permitir resolver ou melhorar o problema identificado anteriormente e que se relaciona com a constatação da baixa assiduidade do público sénior ao Museu de Olaria de Barcelos, através da implementação de uma intervenção neste espaço cultural.

A implementação deste método possibilitou, através da interação entre o investigador e o objeto de estudo, encontrar algumas respostas para o problema detetado anteriormente, envolvendo todas as pessoas a quem o problema diz respeito procurando-se “(...) compreender os problemas sociais que se colocam num grupo ou comunidade, a fim de encontrar soluções mais adequadas” (Silva, 1996:37).

A investigação foi elaborada a partir de uma situação real e de um determinado problema no contexto do Museu de Olaria de Barcelos. Através da contextualização do problema para o qual se pretendeu encontrar uma solução (Cohen e Manion, 1994; Moura, 2000) o método investigação- ação foi a opção metodológica, pois privilegia a resolução de problemas, através da recolha de dados, da reflexão e avaliação das questões que surgem de forma sistemática e contínua (Elliot, 1994).

Conclui-se que o método investigação-ação permitiu, através da ação, melhorar o problema e aumentar a compreensão de um dado fenómeno por parte dos participantes na ação.

3.1.1 Características do Método

A investigação qualitativa sustenta-se na tentativa de compreensão de comportamentos e convicções sobre determinado problema e por isso trabalha com valores, com crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (Moura, 2003; Cohen e Manion, 1994), sendo fundamental a perspetiva dos participantes, pois fornecem elementos para uma reflexão sobre a prática que se pretende mudar. A investigação-ação envolve passos fundamentais ou ciclos de ação (Kemmis e McTaggart, 1992):

- Planificação – elaborar um plano de ação para melhorar um determinado problema, num determinado contexto;
- Ação – execução do plano, introduzindo alterações à situação inicial;
- Observação – verificar a aplicação do plano de ação no contexto com recurso a estratégias de recolha e análise de dados.
- Reflexão – sobre os resultados obtidos, de modo a poder concluir sobre a validade das hipóteses iniciais e da eficácia da estratégia de ação para a resolução do problema.

Na fase da reflexão pode surgir a reformulação das hipóteses que darão origem a um novo plano de ação e ciclo de investigação. As características deste método motivam muitos investigadores a recorrer a ele para resolverem os problemas nos seus contextos profissionais, pois é um método científico que ajuda a resolver

problemas de carácter prático (Moura, 2003). Neste estudo, pretendeu-se compreender a relação que o Museu de Olaria estabelece com o público Sénior e refletir sobre as práticas que melhor se adequam a estes visitantes, de forma a contribuir para o seu bem-estar e a promover uma visita regular.

3.1.2 Vantagens e Desvantagens da Investiação-Ação

Tal como outros métodos, este também tem vantagens e desvantagens na sua aplicação. Este método insere-se na categoria de uma investigação qualitativa, assenta no método etnográfico e tem a vantagem de ser situacional, participativo e motivador, o que permitiu um envolvimento pessoal e coletivo, estudar, agir sobre, refletir e avaliar a intervenção, no sentido de resolver ou reduzir o problema da investigação diagnosticado anteriormente.

Para além de possibilitar ao investigador colocar-se no lugar da ação, este método permitiu desenvolver todo o processo de investigação com outros intervenientes a quem o problema também diz respeito (Moura, 2003; Máximo - Esteves, 2008). Para além desta característica, este método pode ser aplicado num curto período de tempo e em pequena escala (Cohen e Manion, 1994).

No entanto, também são apontadas algumas desvantagens na sua aplicação, nomeadamente o perigo de subjetividade. Sendo as observações baseadas nas crenças ou convicções dos investigadores, o papel participante do investigador pode comprometer o desejável distanciamento na análise dos resultados (Coutinho, 2008), quando não se recorre a outros procedimentos científicos que reduzem ou anulam a componente subjetiva.

Outra desvantagem deste método é a impossibilidade de se produzirem generalizações de natureza estatística, porque se confina a contextos específicos, que só poderão ser transportados para outras situações mediante adaptações e alterações (Cohen e Manion, 1990: 271).

A partir da análise das características deste método e identificadas as suas vantagens e desvantagens, concluiu-se que este método seria o mais adequado para encontrar respostas ao problema identificado e atingir os objetivos definidos.

3.2 Plano de Ação

O primeiro ciclo desta investigação-ação decorreu entre março e abril de 2015 com a definição e o propósito do estudo, seleção e análise da literatura, seleção da amostra e instrumentos de recolha de dados, apresentação da investigação aos responsáveis pelo museu, Centros e Idosos e planificação da intervenção no museu.

O segundo ciclo foi implementado no Museu de Olaria em Barcelos, em maio de 2015, com a primeira visita dos dois grupos de idosos.

O terceiro ciclo de investigação-ação decorreu no mês julho com a conceção e montagem da exposição *Artes Sénior* que originou a segunda visita ao museu. De acordo com as finalidades deste estudo, optou-se pelo modelo de John Elliot (1994) tendo-se redefinido e formulado o problema, as finalidades do estudo e procedido à planificação da intervenção no museu. Em todos os ciclos foram recolhidos dados e procedeu-se à reflexão e avaliação contínua com todos os participantes. No final de cada ciclo houve sempre uma reflexão/avaliação que condicionou o trabalho no ciclo seguinte.

Os três ciclos deste estudo estão detalhadamente apresentados na descrição da ação. A revisão de literatura foi uma constante durante todo o processo, porque a reflexão sobre cada etapa conduzia a novas descobertas e à necessidade de resposta às questões da investigação. (Ver tabela 1)

Tabela 1 Cronograma do Plano de Ação.

Ciclos	Ação	Método de Recolha de dados	Calendarização
Ciclo I	Definição e reafirmação do problema e do propósito do estudo. Seleção e análise de literatura. Seleção da amostra. Apresentação da investigação aos responsáveis pelo museu, aos responsáveis pelos Centros e aos Idosos. Planificação da intervenção no museu: visitas guiadas e exposição "Artes Sénior". Seleção dos instrumentos de recolha de dados. Reflexão e avaliação das estratégias e práticas aplicadas no museu.	Recolha bibliográfica; Contacto com os participantes; Discussões orais sobre o tema; Reflexão e Avaliação da equipa (investigadores, responsáveis pelos centros e do museu).	Março e abril de 2015

Ciclo II	<p>Primeira visita ao Museu de Olaria.</p> <p>Reflexão e avaliação das estratégias e práticas aplicadas no museu.</p>	<p>Planos das visitas;</p> <p>Estratégias e Recursos;</p> <p>Reflexão e Avaliação da equipa (investigadores, responsáveis pelos centros e do museu.</p> <p>Informação recolhida em cada uma das visitas: fotografias, registos de vídeo, registo de observação no diário de bordo.</p>	<p>maio de 2015</p>
Ciclo III	<p>Conceção e montagem da exposição “Artes Sénior”.</p> <p>Segunda visita ao museu no contexto da inauguração da exposição.</p> <p>Reflexão e avaliação das estratégias e práticas aplicadas no museu.</p>	<p>Plano da organização da exposição;</p> <p>Reflexão e Avaliação da equipa (investigadores, responsáveis pelos centros e do museu.</p> <p>Informação recolhida em cada uma das visitas: fotografias, registos de vídeo, registo de observação no diário de bordo.</p>	<p>Julho e agosto de 2015</p>

3.3 Contexto

Como local de estudo escolheu-se o Museu de Olaria de Barcelos, situado na antiga casa dos Mendanhas Benevides Cyrne, num edifício do século XVIII.



Fig. 13: Museu de Olaria de Barcelos, 17 de fevereiro de 2016, © Sá

A escolha recaiu neste Museu, por este estar sensibilizado para as questões do envelhecimento e por pretender estreitar os laços com o público sénior, como relatam os seus responsáveis nas entrevistas realizadas:

Considero importante a aproximação do Museu de Olaria ao público Sénior, uma vez que se trata de uma faixa etária que se pretende cativar e, paralelamente, desenvolver nestes visitantes um potencial interesse em recorrer e usufruir dos serviços prestados por estas entidades culturais (Responsável pelo S.E.A. do M. O.).

3.4 Amostra

Amostra é entendida por Sampieri et al (2006: 252) como uma *unidade de análise ou conjunto de pessoas, contextos, eventos ou factos sobre o qual se colectam os dados sem que necessariamente seja representativo do universo*.

A escolha deste grupo de idosos foi intencional e é uma amostra por conveniência por estes idosos estarem inseridos em Centros de Convívio no concelho de Barcelos e por terem sido participantes do projeto Artes Sénior, no qual participei como professora especialista de Artes Plásticas. Mais ainda, a escolha recaiu nestes dois grupos por estes serem muito semelhantes. Todas estas pessoas só frequentam estes espaços numa parte do dia, essencialmente no turno da tarde. A maior parte destas pessoas no turno da manhã preenche o seu tempo com atividades relacionadas com afazeres domésticos, para além de ainda trabalharem em pequenas hortas. Todos os participantes têm uma vida ativa, embora a nível físico algumas pessoas têm algumas dificuldades de mobilidade, devido à sua idade avançada e somente no Grupo 1, existe uma pessoa com deficiência física utilizadora de canadianas. Frequentam este serviço da sua junta de freguesia para ocuparem o seu tempo livre e com objetivo de vivenciarem momentos de convívio e socialização aliados a experiências de educação.

Também fazem parte desta amostra, a Diretora do museu, a responsável do Serviço Educativo e de Animação, os dois guias e as estagiárias que participaram como auxiliares na atividade prática na Oficina do Serviço Educativo. Considerou-se ser este o modelo de amostragem mais adequado a este estudo uma vez que se aplica a uma investigação dentro dum contexto específico.

3.4.1 Centros de Convívio

A Associação Humanitária de Rio Covo Santa Eugénia, denominada por Grupo 1, tem 11 utentes com idades compreendidas entre 75 e 89 anos. Este grupo é composto por quatro pessoas do género masculino e sete do género feminino. Estes idosos tiveram as seguintes profissões: cinco trabalharam na lavoura, três foram empregadas domésticas, um foi empregado fabril, um foi pedreiro e um trabalhou na construção civil. Quanto ao seu nível de escolaridade, cinco idosos não têm qualquer nível de escolaridade, uma sabe ler e escrever, mas não frequentou a escola e cinco possuem a 4ª classe. Quanto ao seu estado civil, quatro pessoas são casadas, quatro são viúvos e três solteiros. Relativamente ao seu agregado familiar, sete pessoas vivem sozinhas e quatro com o seu cônjuge. (Ver Tabela 2)

Apesar de ter 11 utentes, participaram na primeira visita ao museu 9 pessoas e na segunda visita com a inauguração da exposição Artes Sénior, 10 pessoas.

Tabela 2 Caracterização do Grupo 1

Género	Nome	Idade	Profissão no ativo	Escolaridade	Com quem vive	Estado civil
M	A.	89 anos	Pedreiro	Não sabe ler nem escrever	Sozinho	Viúvo
M	C.S.	77 anos	Empregado fabril	Ensino Básico (1º Ciclo)	Sozinho	Solteiro
M	J.	76 anos	Trolha	Sabe ler e escrever	Mulher	Casado
M	D. N.	83 anos	Construção Civil	Ensino Básico (1º Ciclo)	Mulher	Casado
F	M. A.	75 anos	Empregada Doméstica	Não sabe ler nem escrever	Sobrinha	Solteira
F	M. I.	81 anos	Doméstica/Lavoura	Ensino Básico (1º Ciclo)	Marido	Casada
F	M. J.	76 anos	Doméstica/Lavoura	Ensino Básico (1º Ciclo)	Marido	Casada
F	M. R.	82 anos	Doméstica/Lavoura	Não sabe ler nem escrever	Sozinha	Solteira
F	R.	84 anos	Empregada Fabril e Doméstica	Ensino Básico (1º Ciclo)	Sozinha	Viúva

F	R. A.	84 anos	Doméstica	Não sabe ler nem escrever	Sozinha	Viúva
F	T.	81 anos	Empregada Doméstica	Não sabe ler nem escrever	Sozinha	Viúva

O segundo Centro convidado a ingressar neste estudo foi o Centro de Bem-Estar de Carapeços, denominado neste estudo por Grupo 2. Frequentam este Centro 18 pessoas, com idades compreendidas entre os 65 e 91anos, tendo também uma jovem de 21 anos portadora de deficiência. Este grupo é composto por duas pessoas do género masculino e dezasseis do género feminino. Quanto ao nível de escolaridade, oito pessoas possuem a 4ªclasse, oito não sabem ler nem escrever e duas possuem o 9ºano de escolaridade. No que concerne ao estado civil, onze pessoas são viúvas, seis casadas e uma solteira. Quanto ao seu agregado familiar, quinze pessoas vivem com o seu cônjuge ou familiares e três sozinhas. Na sua vida ativa estes idosos tiveram as seguintes profissões: treze trabalharam na lavoura, três trabalharam em fábricas, uma foi escriturária e a utente portadora de deficiência mental foi estudante. (Ver Tabela 3)

Na primeira visita ao museu participaram 15 pessoas e na segunda visita, na inauguração da exposição *Artes Sénior* participaram 16 pessoas.

Tabela 3 Caracterização do Grupo 2

Género	Nome	Idade	Profissão no ativo	Escolaridade	Com quem vive	Estado civil
F	A.C.	77 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	Sozinha	Viúva
F	A.F.	67 anos	Lavoura	Ensino Básico (1º Ciclo)	Sozinha	Viúva
F	C. A.	85 anos	Lavoura	Ensino Básico (1º Ciclo)	2 Filhas	Viúva
F	E. S.	91 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	2 Filhos	Viúva
F	G.F.	80 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	Marido	Casada
F	I.H.	65 anos	Empregada Fabril	Ensino Básico (1º Ciclo)	Filha	Viúva
F	M. R.	82 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	Filho	Viúva

F	M. M.	80 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	Sozinha	Viúva
F	T.	80 anos	Lavoura	Ensino Básico (1º Ciclo)	Filha, genro e 2 netos	Viúva
M	M.R.	76 anos	Lavoura	Ensino Básico (1º Ciclo)	Esposa	Casado
F	E.G.	77 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	Marido	Casada
F	M. J.	87 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	Neta	Viúva
F	M. E.	66 anos	Empregada Fabril	9º ano	Marido	Casada
M	M.V.B.	79 anos	Lavoura	Ensino Básico (1º Ciclo)	Filha	Viúvo
F	S. B.	65 anos	Empregada Fabril	Ensino Básico (1º Ciclo)	Marido	Casada
F	I.R.	82 anos	Lavoura	Não sabe ler, nem escrever	Marido	Casada
F	L.P.	72 anos	Escriturária	Ensino Básico (1º Ciclo)	Companheiro	Viúva
F	C.G.	21 anos	Estudante	9º ano	Pais	Solteira

3.4.2 Participantes do Museu

Dois responsáveis pelo museu foram participantes nesta investigação, nomeadamente a diretora do Museu e a responsável pelo Serviço Educativo, no sentido de fornecerem informações sobre o funcionamento, estratégias e práticas destinadas a este público específico, aplicadas no Museu, assim como os dois guias que conduziram as visitas às exposições na primeira visita ao museu.

Como investigadora utilizei a observação participante, que implicou observar, inquirir, explorar, interpretar, narrar e avaliar a ação. Paralelamente à revisão da literatura, planifiquei as visitas ao museu, concebi e montei a exposição final do projeto *Artes Sénior* e criei os materiais de divulgação, como cartazes e convites (Ver Anexo II, pag.94). Também elaborei os materiais de registo da ação, o inquérito a ser aplicado aos idosos e as entrevistas aos responsáveis pelo museu. Durante a investigação, ocupei simultaneamente o papel de gestora cultural, de professora de Artes Plásticas do projeto “Artes Sénior” e de investigadora, levantando as questões e coordenando todo o processo de investigação.

3.5 Instrumentos de Recolha de Dados

Existem várias técnicas e instrumentos de investigação que podem ser usados numa investigação-ação, mas neste estudo, usei principalmente a observação direta, o diário de bordo, os inquéritos, a entrevista e registos visuais através de audiovisuais como a fotografia e vídeo. Os inquéritos e as entrevistas foram construídos de forma a responder às questões da investigação e tendo em conta as finalidades desta. Desta forma, a partir dos inquéritos aplicados aos idosos pretendeu-se:

- Investigar estratégias adequadas à criação de hábitos de visita do público Sénior ao espaço do museu;
- Refletir sobre o processo de diálogo dos visitantes seniores com os produtos culturais no Museu de Olaria de Barcelos.

3.5.1 Observação

Neste estudo utilizei a observação participante, uma vez que como professora/investigadora estive implicada na ação. Por observação participante entendo um processo em que o observador participa na vida do grupo que está ser estudado, que inclui a atenção voluntária e inteligência e é orientado por um objetivo final e dirigido a um fenómeno, para recolher informações sobre ele (Serrano citado por Moura, 2003:21). Durante as visitas fui recolhendo através de registos escritos as perceções e comportamentos dos visitantes seniores e também as intervenções dos guias. Este método de recolha de dados permite, segundo Máximo-Esteves (2008:87) *... o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto* e isto foi conseguido através de uma observação atenta e reflexiva, pois um olhar rotineiro não é suficiente para entendermos a realidade. A observação tem a vantagem de permitir que se veja o que as pessoas realmente fazem e não o que dizem fazer. Esta técnica possibilita que se chegue mais perto da perspetiva dos indivíduos. Considerando a especificidade da investigação, evidenciou-se a importância de observar o contexto do museu e a forma como os atores (idosos, monitores, diretora do Museu, responsáveis do Centros) interagiam. Neste sentido, foi

necessário estudar os sujeitos de forma qualitativa, tentar conhecê-los como pessoas e respeitar as suas vivências.

3.5.2 Registos Visuais

Como suporte à observação, foi feito o registo fotográfico e de vídeo das visitas e das atividades, no segundo e terceiro ciclos da ação, servindo este como um importante complemento de recolha de dados relevantes para a investigação. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a utilização da fotografia é um recurso importante numa investigação, pois esta permite visualizar e relembrar aspetos que podem passar despercebidos no decorrer das ações. Trata-se de um material muito importante, pois evidencia atitudes, comportamentos, relações pessoais entre participantes e também aspetos relacionados com a gestão da organização e dinâmica da ação. O uso do vídeo, embora desaconselhado por alguns investigadores (Moura, 2000) por poder ser perturbador, foi, neste caso, utilizado após ter sido solicitado consentimento aos idosos e à direção do museu, como registo das manifestações espontâneas e de alegria dos participantes na ação.

3.5.3 Diário de Bordo

O Diário de Bordo serviu de método de registo das notas de campo, onde constaram detalhes de todos os passos dados, perceções e reflexões: reações dos participantes na visita e nas atividades; pontos a melhorar; pontos bons a repetir, entre outros. *O diário é, pois um dos recursos metodológicos mais recomendado, pela sua potencial riqueza descritiva, interpretativa e reflexiva*” (Máximo-Esteves 2008:89).

3.5.4 Inquérito

O inquérito permite a obtenção de informações fundamentais, recolha de opiniões, sensações, interesses e expectativas dos envolvidos (Gil, 2006; Coutinho, 2008). Este método de obtenção de dados é bastante eficiente, embora, como referem

Bogdan e Biklen (1994), este processo de obtenção de dados fica dependente dos intuitos de quem o elabora e influenciam o comportamento de quem os preenche.

A grande vantagem deste instrumento foi permitir uma recolha rápida de informação de todos os participantes dos dois Centros envolvidos e a comparação entre as suas respostas.

3.5.5 Entrevista

A entrevista é “ (...) *um ato de conversação intencional e orientado, que implica uma relação pessoal, durante a qual os participantes desempenham papéis fixos: o entrevistador pergunta e o entrevistado responde. É utilizada quando se pretende conhecer o ponto de vista do outro*” (Máximo-Esteves, 2008:92-93). Existem diferentes tipos de entrevistas, sendo a entrevista semiestruturada aqui selecionada como a que melhor se enquadrava neste estudo. Ela foi aplicada aos responsáveis pelo museu, foi construída de forma a dar resposta às seguintes questões:

- Qual a assiduidade do público sénior?
- Que estratégias de mediação são utilizadas com este público específico?
- Quais as finalidades e resultados do programa Museu Sénior?

3.6 Considerações Éticas

Qualquer investigação envolve sempre problemas éticos (Bogdan e Biklen,1994). Para evitar tais problemas, a investigadora adotou os seguintes procedimentos éticos:

1. Autorização à Diretora do museu para desenvolver a investigação-ação no espaço do Museu;
2. Aprovação dos passos que envolviam observações, registos escritos e visuais por parte da Direção do museu, assim como das Direções dos Centros de Dia e de Convívio, por meio de assinatura, em documentos

que explicitavam os procedimentos, de forma a respeitar questões de privacidade e consentimento informado.

3. Recolha de dados de forma honesta e precisa para evitar enviesamentos.
4. Dados tratados de forma a manter o anonimato e confidencialidade dos participantes dos Centros, tendo recorrido a iniciais para sua identificação ao longo do estudo.

3.7 SUMÁRIO

Neste capítulo apresentaram-se os motivos que levaram à escolha do método de investigação utilizado neste estudo, as suas características, o plano de ação, o contexto e amostra da pesquisa, a caracterização dos intervenientes, o papel da investigadora assim como os instrumentos de recolha de dados e as considerações éticas relativas à investigação. No capítulo descreve-se e justifica-se a escolha do método de investigação-ação por este permitir testar novas ideias ao nível da gestão de atividades no museu. Para além disso, este método facilitou a investigação no local da intervenção e permitiu experimentar novas práticas de mediação cultural no sentido de resolver ou melhorar o problema identificado previamente.

Capítulo 4

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS CICLOS DE AÇÃO

4.0 Introdução

Este capítulo descreve os três ciclos, as suas finalidades, a recolha de dados e os instrumentos utilizados. O capítulo está estruturado em três partes, que correspondem aos três ciclos de ação.

4.1 Ciclo 1: Planificação da Ação

Este ciclo foi implementado nos meses de março e abril de 2015 com o intuito de repensar uma aproximação do público sénior de forma sustentada ao espaço do Museu de Olaria de Barcelos.

Depois de formulado o problema procedeu-se à seleção da amostra, ao contacto com os responsáveis pelos Centros de Dia e com a Diretora do museu, que entendeu este estudo como uma mais-valia. Foram elaborados os instrumentos de recolha de dados e preparado o plano de ação no museu. A investigadora preparou a primeira visita, que seria no ciclo 2, no mês de maio e negociou com a Diretora do museu a conceção da exposição Artes Sénior, que seria no ciclo 3, no último dia do mês de julho, com o prolongamento da mesma durante o mês de agosto.

Este ciclo1 foi planeado com os responsáveis pelos Centros e com o Serviço Educativo, tendo a investigadora desempenhado o papel de mediadora, sem interferir na planificação da visita do Grupo 1, no sentido de observar os procedimentos habituais e analisar o serviço prestado pelo museu a este público específico. A visita com o Grupo 2 teve a interferência da investigadora, que apoiou a responsável do Serviço Educativo do museu, no trajeto da visita e no desenho da atividade a desenvolver na oficina do museu. Estas planificações tiveram igualmente a colaboração dos responsáveis dos Centros, no sentido de agendar as visitas, atendendo à disponibilidade de transportes e do pessoal auxiliar dos próprios Centros.

Foi acordado entre todos que o desenvolvimento da exposição no Ciclo 3 da investigação-ação, seria da responsabilidade da investigadora, devendo a mesma proceder à sua montagem e criação dos recursos de divulgação, como por exemplo, cartazes, *flyers* e convites (Ver Anexo II, página 94), contando com a colaboração da Diretora do museu e de dois técnicos.

4.1.1 Reunião com os Responsáveis do Museu

Identificado o problema, procedeu-se ao pedido de autorização à Diretora do museu para implementação da investigação-ação no Museu de Olaria envolvendo os idosos dos dois Centros atrás mencionados. A Diretora do museu, desde logo se mostrou entusiasmada, referindo que este poderia auxiliar e ser uma mais-valia para futuras práticas, nomeadamente na aplicação de novas estratégias de mediação com o público idoso. Depois de autorizado o estudo neste espaço cultural de Barcelos, procedeu-se à apresentação do mesmo à responsável pelo Serviço Educativo, que o achou muito pertinente e se mostrou disponível para colaborar em todo o processo.

A partir da reunião com a Diretora do museu ficou definido que as visitas seriam gratuitas, por estes grupos estarem inseridos num projeto do Município de Barcelos e que seria permitida a conceção e montagem da exposição “Artes Sénior” nas suas instalações. Com a responsável pelo serviço educativo, ficaram agendadas as visitas e as atividades a serem desenvolvidas.

Apesar de considerar que o Museu tem atingido os objetivos propostos por este programa, a Diretora do museu afirmou que considerava ser pertinente criar novas estratégias de cativação deste público e desta forma poder contribuir para a dinâmica e inclusão social desta franja de população portuguesa. A Diretora afirmou também que se poderiam desenvolver atividades culturais diversificadas, como teatros ou concertos de forma a variar as ofertas culturais e referiu que a estratégia de angariação do público idoso seria idêntica à que utilizam com os restantes públicos, ou seja, dever-se-ia enviar a programação para os contactos que constam na *mailling list*, onde constam as instituições do concelho, dos concelhos vizinhos e as que habitualmente os visitam. Informou nesta entrevista que, para além destas estratégias o museu faz a divulgação da sua programação através do seu site, do site do município e na Agenda Barcelos. Seguidamente foi entrevistada a responsável pelo S.E.A. que referiu que o grande desafio para cativar este público passa por desenvolver programas específicos que despertem o interesse e possam atrair esta

faixa etária e referiu que estes não possuem hábitos de visita aos museus ou outras entidades culturais.

Segundo a Diretora e a responsável pelo S.E.A., a sua programação e atividades são sempre planificadas tendo em conta o público a que se destinam e referiram: no caso do público sénior são desenvolvidos programas de acordo com determinadas características afetas a este público. No ato do agendamento da visita, o S.E.A. recomenda aos responsáveis do grupo que visitem o museu para conhecer o local e preparar em conjunto com o S.E.A., a visita e a atividade de acordo com as particularidades de cada grupo. De início é efetuado um contacto prévio para agendar a data, sendo posteriormente preenchida uma ficha de inscrição para efetivar a marcação. No final de cada visita é fornecida uma ficha de avaliação que é preenchida pelos responsáveis que acompanham o grupo, onde o museu obtém o feedback da atividade desenvolvida. A entrada para o visitante sénior tem um custo de 2,20 euros e a duração da visita é de 90 minutos. O *feedback* que obtém deste público em relação ao serviço e programação do museu é bastante positivo, pois reagem com alegria e interagem de forma significativa com os monitores do S.E.A. A responsável pelo S.E.A. considera que este reúne as condições gerais necessárias para receber com qualidade o público sénior. Mais ainda, salienta que em casos pontuais e dadas as especificidades de certos visitantes que integram o grupo, planificam e organizam a visita e o espaço de forma a responder com a devida qualidade.

4.1.2 Reunião com os Responsáveis das Instituições

Na continuidade das atividades inerentes ao projeto “Artes Sénior”, e tendo constatado que os responsáveis dos Centros de Rio Côvo Sta. Eugénia e Carapeços apesar de conhecerem a programação do Museu de Olaria, não o colocavam no seu plano de atividades com os idosos, a investigadora optou por reunir com cada um deles e propor-lhes a organização de uma visita ao museu explicando os objetivos de tal iniciativa. Ambos os responsáveis se mostraram entusiasmados e disponíveis para contribuir de forma ativa para possibilitar a aproximação a esta instituição cultural. Assim, com os responsáveis dos Centros foram agendadas as visitas ao museu e a inauguração da exposição *Artes Sénior*, tendo em conta a sua disponibilidade nas deslocações e transportes. Os responsáveis pelos Centros ficaram incumbidos de, no final das visitas, recolher as opiniões dos idosos sobre as questões de acessibilidade ao museu, com vista a um melhoramento da oferta e mediação com este público.

4.2 Ciclo 2- Primeira Visita ao Museu

No ciclo 2 iniciou-se a implementação da ação planeada no ciclo 1. Neste sentido, realizou-se a primeira visita ao museu com os dois grupos de idosos, para muitos pela primeira vez. Neste ciclo aplicaram-se os inquéritos aos idosos, as entrevistas aos responsáveis pelos Centros, à responsável pelo Serviço Educativo assim como à Diretora do museu. Os recursos utilizados foram as planificações da visita ao museu e instrumentos de recolha de dados, questionários, entrevistas, fotografias, registo de vídeo, registos de observação no diário de bordo, informação da responsável pelo S.E.A. e dos Guias 1 e 2, reflexão e avaliação.

A primeira visita ao museu foi dirigida por guias diferentes para os dois grupos. Na primeira visita, com o grupo 1, a responsabilidade ficou a cargo do Guia 1 e a do grupo 2 ficou a cargo do Guia 2.

A primeira visita com o Grupo 1 teve como principais finalidades, apresentar o Museu a quem não o conhecia e criar hábitos culturais tendo-se explicado aos participantes que a intenção desta primeira visita era mostrar o museu como um espaço para todos e que todos têm um lugar no museu, deixando para trás a ideia que o museu “é um sítio muito importante para pessoas importantes” (L.P. visitante do Grupo 2, 28 de maio de 2015) .

Como já foi referido, esta visita com os dois grupos por estarem inseridas na planificação do projeto Artes Sénior desenvolvido pelo Município de Barcelos, não tiveram qualquer custo para os participantes.

A atividade do Grupo 1 contemplou a visita à exposição de olaria e Figurado: *Olaria Norte de Portugal e Representações do Mundo Rural no Figurado e Antes do Céu* de Pedro Figueiredo e visualização do documentário *Olaria de Portugal: Norte* produzido pela Sinalvideo em 2010. Os conceitos abordados foram: Olaria, Figurado e Cultura. A estratégia passou pela análise e discussão oral de artefactos e os recursos foram os artefactos expostos no museu. A atividade do Grupo 2 contemplou a visita à exposição do Figurado, visualização do episódio *Galo de Barcelos, Made in Portugal*, produzido pela Sete Sentidos e atividade prática de pintura de um Galo em barro. Os conceitos abordados foram os mesmos, acrescentando-se a pintura. A estratégia passou pela análise e discussão oral de artefactos e pela pintura de um galo de barro. Os recursos foram os mesmos do grupo anterior, acrescentando-se os galos de barro e as tintas de guache.

4.2.1 Descrição e Análise da Visita do Grupo 1

A visita do grupo 1 ao museu pela Associação Humanitária de Rio Côvo Sta. Eugénia, realizou-se no dia 22 de maio de 2015 e teve a participação de 9 idosos que se fizeram acompanhar pela responsável pelo Centro e uma auxiliar. A visita iniciou-se às 14:35 com a paragem da carrinha do Centro, perto da entrada do museu. Em cima do passeio, o grupo dos idosos de Sta. Eugénia desceu da carrinha, muito lentamente, tendo o motorista ido estacionar corretamente a carrinha posteriormente.

Este grupo era constituído, maioritariamente, por pessoas com mobilidade reduzida, tendo muitas dificuldades de locomoção. Por iniciativa do Centro levaram uma cadeira de rodas para a senhora (M.R.), por ser a que apresentava mais dificuldades de locomoção. Este grupo foi orientado pelo Guia 1 (G1) e contemplou visitas às exposições patentes no museu, onde foram abordados os conceitos atrás enunciados.

A visita começou na pequena sala da entrada do museu com uma receção calorosa de boas-vindas pelo G1, manifestando a sua satisfação em recebê-los, como se comprova pelas suas palavras:

(G1) Sejam muito bem-vindos ao Museu de Olaria! Eu sou o (...) e vocês de onde vêm?

(N) Somos vizinhos! Somos de Sta. Eugénia

Feitas as apresentações, G1 passou a explicar a história do edifício onde está instalado o museu, desafiando os idosos a participar colocando algumas questões, como por exemplo:

(G1) Alguém já tinha vindo cá ao museu? Sabem o que era este edifício no passado? Sabiam que este já foi o quartel da GNR.

(N) Nunca tinha cá vindo, mas isto aqui dentro é muito bonito!

(G1) Inicialmente o museu estava situado na sala subterrânea do Paço dos Condes. Sabem onde é? Por baixo do Castelo, perto da ponte Medieval.

(M.I) Ah, já sei onde é! Não conhecia por esse nome, só por castelo.

A estratégia passou pela discussão e análise oral de artefactos. Os recursos foram os artefactos pertencentes ao espólio do museu, tais como brinquedos de cerâmica na sala da receção e os que estavam nas exposições intituladas *Olaria Norte*

de Portugal, *Representações do Mundo Rural no Figurado* e *Antes do Céu* de Pedro Figueiredo (Tabela 4).

Tabela 4 Descrição da Atividade do Grupo 1

22 de maio de 2015	
Hora	Descrição da Ação
14:35 - 14:45	Chegada da carrinha à entrada do museu.
14:45 – 15:05	Entrada no museu; Receção de boas-vindas; Exploração dos brinquedos de barro expostos na sala da receção.
15:05 – 15:40	Visita ao 1º Piso; Exposição <i>Olaria Norte de Portugal</i> .
15:40 – 16:10	Exposição <i>Representações do Mundo Rural no Figurado</i> .
16:10 – 16:35	Sala da Capela. No r/c; Exposição <i>Antes do Céu</i> de Pedro Figueiredo.
16:35 – 16:50	Despedida e entrada dos idosos na carrinha.

O G1 continuou com a explicação sobre a tradição da Olaria no concelho de Barcelos e convidou os oito membros do centro a olhar à sua volta e a partilharem as suas experiências, tendo em conta o que estavam a observar. Para que os idosos ficassem mais à vontade, G1 convidou os visitantes a fazerem comentários. Desta forma, surgiram os seguintes comentários/respostas dirigidas ao Guia mas também em sussurros entre eles:

(C.S.) *Eu ainda tenho casinhas destas lá em casa, ponho-as no Natal, no presépio! (...)*

(M.R.) *Olhe lá Dona (M.I) parecemos nós descalças, quando éramos piquenas (...)*

(R.) *Quem me dera ter estes brinquedos (...) os nossos eram as foices e as sacholas, conhece? Esses eram os nossos brinquedos! (...)*

(T.) *Ah que bonito! Olhe que pecinhas tão pequeninas e tão bem feitinhas! (...)*

(M.I.) *Isto é mesmo muito bonito, sabe que muitas vezes me perguntei o que estaria aqui dentro. Nunca pensei que seria um museu. É muito bonito! (...)*

(T.) *Ainda agora começamos e já estou a gostar! Vamos lá, vamos lá! (...)*

(R.) *Olhe que lindo Dona (M.R.) No nosso tempo não havia nada disto. Para nós eram mesmo as peças verdadeiras. Usávamos os cântaros para ir à água, e se partíssemos....Olhe, era melhor não ir para casa! (...)*

(T.) *Ai, eu parti tantos!... Era muito pequenina e ia à fonte...enchia-os muito e “depois” não os conseguia chegar inteiros a casa. Era um Deus nos acuda! (...)*

Explorada a história do museu e os brinquedos de barro, os idosos foram guiados para o 1º andar onde estavam patentes as exposições *Olaria Norte de Portugal* e *Representações do Mundo Rural no Figurado*, representativas da tradição da olaria local e nacional. Nesta passagem para o piso superior, algumas pessoas usaram o elevador, enquanto outras com mais mobilidade usaram as escadas.

No piso superior, puderam visualizar peças de olaria e um documentário de Vítor Bilhete, intitulado *Olaria de Portugal: Norte*, com coordenação Científica de Isabel Maria Fernandes e produção da Sinalvideo em 2010 (Fig. 14 e 15).



Fig. 14: Visita à exposição *Olaria Norte de Portugal*,
22 de maio de 2015 © Sá



Fig. 15: Visualização do documentário *Olaria de Portugal: Norte*,
22 de maio de 2015 © Sá

Nesta sala, algumas pessoas já denunciavam algum cansaço, obrigando o G1 a pedir ajuda a dois colegas para colocarem cadeiras para que as pessoas descansassem, como se pode ver na Fig. 16. Note-se que estes funcionários não fizeram parte desta investigação-ação. Apesar dessa quebra na dinâmica da visita, o entusiasmo e curiosidade mantiveram-se através da audição atenta das explicações do G1, como também se pode ver na Figura 16.



Fig. 16: Visita à exposição Olaria Norte de Portugal, 22 de maio de 2015 © Sá

Nesta sala, como já tinha acontecido na primeira, os visitantes iam comentando o que ouviam:

(T) Olhe Dona... nós tínhamos em casa um pote destes, mas não era tão grande. E este o que é? (...)

(R.) Olhe o cântaro, uma vez parti um, nem queiram saber o “banzé” que foi, nem me quero lembrar! (...)

(M.R) O pote, o cântaro, olhe num destes guardávamos a água quando a tirámos do poço. (...)

(T.) Tá a ver aquele cântaro? Quantos eu parti quando era piquena! Ai nem me quero lembrar! Outros tempos, sabe?! (...)

Depois de visualizado o filme, o G1 perguntou-lhes se alguma vez tinham visto trabalhar no barro:

(Guia) É fácil moldar uma peça de barro, não é? Qualquer pessoa consegue fazer este trabalho, não acham? É simples colocar um naco de barro numa roda de oleiro e sair de lá um cântaro, que dizem?

Alguns responderam:

(T.) Ai, não! Não é qualquer pessoa que faz uma coisa destas! É preciso ser-se artista! (...)

(R.) É preciso ter umas mãos de ouro! (...)

(N.) Ai quem dera, é preciso saber! E saber muito, não é para qualquer um! (...)

(M.I.) Olhe, nunca pensei que isto era feito assim! (...)



Fig. 17: Visita à exposição Olaria Norte de Portugal,
22 de maio de 2015 © Sá

Seguidamente, passaram para a sala que continha as peças do figurado, intitulada *Representações do Mundo Rural do Figurado* (Fig.18).



Fig. 18: Visita à exposição Representações do Mundo Rural no Figurado,
22 de maio de 2015 © Sá

Nesta sala, foi evidente o bem-estar e o à vontade dos visitantes, pelas expressões faciais e pelas afirmações emitidas durante a visualização destas peças. A timidez e a insegurança verificada no início da visita deram lugar a sorrisos rasgados e opiniões espontâneas sobre as peças expostas. Nesta sala, os idosos encontravam-se mais à vontade e confiantes para expor os seus conhecimentos de forma entusiástica. Durante o percurso nesta exposição também foi necessário colocar cadeiras, pois algumas pessoas já estavam um pouco cansadas (Fig. 19) mas, mesmo assim, e ao seu ritmo, fizeram o percurso todo da exposição interagindo com o G1 sistematicamente.



Fig. 19: Visita à exposição Representações do Mundo Rural no Figurado, 22 de maio de 2015 © Sá

O G1 começou por explicar que o figurado era uma atividade subsidiária da olaria para complementar o orçamento familiar e que no início era essencialmente feito por mulheres. Já mais à vontade, os idosos foram interrompendo o Guia, descrevendo as peças expostas que lhes eram familiares, ao mesmo tempo que o Guia ia complementando as suas descrições com mais informações. Desta forma surgiram os seguintes comentários:

(T.) Olhe este é o chafariz do campo da feira, está muito bem feito! Não dá para enganar! (...)

(N.) Este é o carro de bois, pois está claro! Toda a gente conhece! (...)

(M.I) Eu cheguei a ter um, nem sei o que é feito dele... Eu é que ia sempre à frente deles a conduzi-los (...)

(M.R) Estes são os bois, que nos ajudavam a trabalhar no campo. (...)

(T.) Essa são as bonecas, não são? (...)

(M.I.) Olhe este está a malhar o milho e aquele a vindimar. (...)

(T.) Ah olhe que bonito! Estes trabalhos são tão coloridos! (...)

(G1) Essa boneca é da artesã Julia Côta, é mais recente, por isso as cores são mais berrantes e vivas. Compare com esta peça. Esta já tem a cor mais gasta logo é mais antiga. As tintas utilizadas pelos artesãos foram modificando ao longo dos anos. Antigamente utilizavam o vidro composto de chumbo que faziam mal à saúde, depois passaram para vernizes e resinas de pouca qualidade. Hoje em dia utilizam esmaltes cerâmicos adequados para este fim. (...)

(N.) Esta junta de bois está muito bonita, mas isto aqui não é tão grande! Foi feita no ano em que nasci! (...)

(M.I.) Este está a malhar o milho e esta está a aparelhar. (...)

(M.R.) Olhe estes, com a foice...este com a enxada ...vão trabalhar para o campo de certeza! Aquela leva a foice! (...)

(M.I) Aquela leva o jarro, malandro! Deve levar vinho para se emborrachar. (...)

(M.A.) Aqui são as vindimas... que lindo! Olha aquele a subir as escadas para chegar às uvas! (...)

(M.I.) Estes já estão na farra! Até têm as bochechas vermelhas, vê lá tu!...eh! (...)

(C.) Olhe a matança do porco! Quando era pequenino não gostava de ouvir o porco a morrer. Tinha pena, até parece que o estou a ouvir!

O entusiasmo pelas peças do figurado, permitiu durante alguns minutos esquecer as pernas cansadas. A alegria estava marcada nos rostos destas pessoas. Questionadas ao longo da visita iam relatando que estavam muito felizes por estarem a ver coisas que nunca tinham visto e que nem faziam ideia que existia um museu em Barcelos.



Fig. 20: Visita à exposição Representações do Mundo Rural no Figurado, 22 de maio de 2015 © Sá



Fig. 21: Visita à exposição Representações do Mundo Rural no Figurado,
22 de maio de 2015 © Sá

Visualizadas as exposições patentes no primeiro piso, passaram para o rés-do-chão para ver a exposição intitulada *Antes do Céu*, de Pedro Figueiredo, na sala da Capela. Nesta fase da visita já todas as pessoas recorriam ao elevador para passar para o piso inferior. Esta sala está dividida em dois pisos, sendo a sua ligação feita através de escadas ou elevador, essencialmente usado por pessoas com cadeiras de rodas (Fig.22).

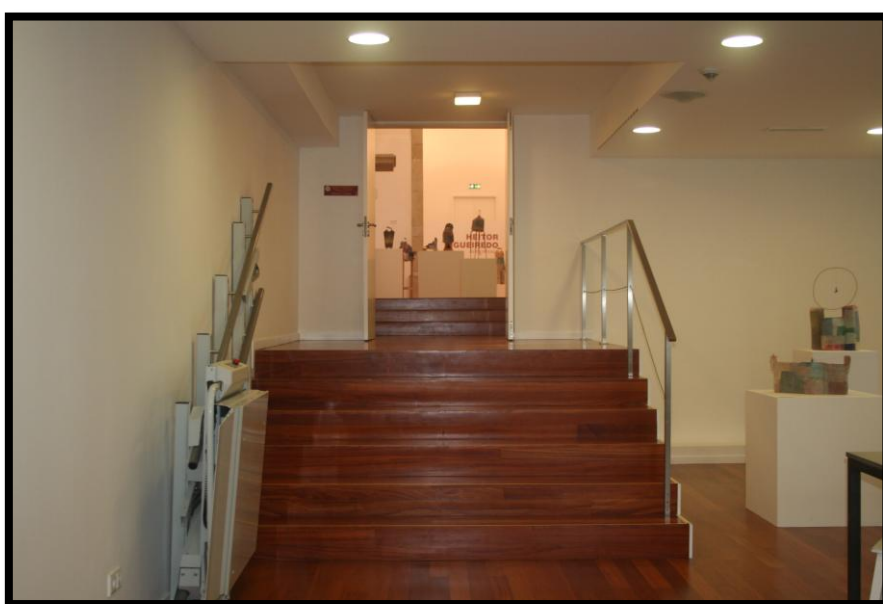


Fig. 22: Elevador de acesso ao 2º Piso da Sala da Capela,
22 de maio de 2015 © Sá

Chegados à sala da exposição ouviram com atenção a explicação do G1 sobre o artista Pedro Figueiredo e o seu trabalho. Contudo, o cansaço já era evidente, como se pode verificar na Figura 23.



Fig. 23: Exposição Antes do Céu de Pedro Figueiredo, na Sala da Capela,
22 de maio de 2015 © Sá

Algumas pessoas encostavam-se às paredes ou até aos plintos, para suportarem melhor o peso do seu corpo e três pessoas até desistiram de ver a exposição toda ficando só pela primeira sala, como se pode verificar na Figura 24. Perante este cenário, o G1 voltou a chamar os seus colegas para trazerem do 1º piso as cadeiras para os idosos poderem descansar, como se pode verificar na Figura 24.



Fig. 24: Visita à exposição Antes do Céu,
22 de maio de 2015 © Sá

Contudo, algumas pessoas fizeram questão de ver esta exposição na íntegra, como foi o caso da senhora (R.) que, para se deslocar para o piso superior, teve de usar o elevador (Fig.25).



Fig. 25: Visita à exposição Antes do Céu,
22 de maio de 2015 © Sá

Os utentes da Associação Humanitária de Sta. Eugénia, Grupo 1 não tiveram oportunidade de realizar a atividade prática de pintura do Galo de Barcelos em barro, porque a visita se prolongou e não puderam ficar mais tempo.

No final da visita, o G1 fez uma reflexão/avaliação com os participantes, transcrevendo-se aqui alguns comentários:

(T.) Adorei, nunca pensei cá vir e gostava de repetir! (...)

(R.) Tou barada com o que vi! Gostei muito e muito obrigada! (...)

(M.I.) Gostei muito, temos de voltar cá outra vez! (...)

(N.) Eu não gostei... Adorei! Nunca pensei que isto fosse tão bonito! (...)

(M.A.) Se nos trouxerem outra vez, é claro que gostava de vir cá outra vez! Gostei muito! (...)

Depois de ouvidas as perceções dos idosos, o Guia demonstrou o seu prazer em ter conduzido esta visita e referiu que tinha todo o gosto de os voltar a receber mais vezes. Feitas as despedidas, os idosos dirigiram-se para a carrinha, que voltou a subir o passeio para se aproximar da entrada do museu.

Reflexão-Avaliação

No início da visita, os idosos mostravam-se um pouco inseguros e tímidos não respondendo de imediato às questões do Guia e acenando somente com a cabeça, mas com o passar do tempo foram ficando mais desinibidos. As questões levantadas pelo G1, fizeram com que os saberes e conhecimentos dos idosos fossem valorizados e por esse motivo se sentiram mais confiantes. A questão do cansaço dos idosos foi uma das observações feitas por eles. Com o avançar da visita foi necessário recorrer à colocação de cadeiras para descansarem. O G1 para não abandonar o grupo, pediu a dois colegas que as fossem buscar. Este tempo de espera e de quebra da observação da exposição, fez com que algumas pessoas dispersassem por momentos a sua atenção da exposição, tendo-se ouvido os desabafos:

(C.S) Ah, as pernas já não são o que eram! (...)

(M.R.) Uma cadeirinha sabe bem, obrigada! A máquina já não funciona como outros tempos. (...)

(T.) A mocidade já era! Obrigada pela atenção (...)

Contudo, com as perguntas e intervenções do Guia voltavam a estar atentos ao que se ia dizendo. Por esta visita ter sido um pouco longa, e pelo adiantar da hora, este grupo não pode realizar a atividade prática prevista de pintura do Galo de Barcelos, contudo levaram as peças para o Centro, para depois as poderem pintar. A responsável pelo Centro também se mostrou muito satisfeita com a visita ao museu, pois verificou nesta atividade mais-valias para os idosos, como o confronto com situações novas, a saída do Centro para uma atividade diferente, o contacto com pessoas diferentes, o convívio e a socialização, a valorização patrimonial, a possibilidade de contactarem com as suas memórias e vivências e a redescoberta da sua cultura.

4.2.2 Descrição e Análise da Visita do Grupo 2

A visita do Centro Sénior de Carapeços realizou-se no dia 28 de maio de 2015 com 15 participantes. Esta atividade iniciou-se com a chegada das duas carrinhas do Centro de Carapeços ao espaço do museu. Os condutores estacionaram as duas carrinhas em cima do passeio, perto do local da entrada, para que as pessoas

saíssem. Neste grupo havia pessoas com algumas dificuldades de mobilidade, apesar de serem pessoas bastante ativas, que mostraram solidariedade e companheirismo, ajudando os que tinham mais dificuldades, tanto nas questões de acesso, como na orientação dos que nunca tinham visitado o museu, como se pode verificar nos seguintes comentários:

(M.) Vá lá Dona (M.J.) venha, vai ver que vai gostar. Desça devagarinho que temos tempo... Dê-me a sua mão! (...)

(M.) Nunca veio cá? Vai ver que vai gostar, isto aqui é um luxo! (...)

Esta visita, foi planeada em conjunto com a Responsável do Serviço Educativo e Animação. Nesta planificação foram atendidas as questões que não foram bem-sucedidas na primeira visita: a visita muito longa que não permitiu a realização da atividade prática de pintura do Galo de Barcelos e provocou cansaço nos idosos e a falta de cadeiras no percurso da exposição. Neste sentido, para o Grupo 2 ficou delineada a visita a uma exposição, a visualização de um filme, a realização da atividade prática na Oficina do Serviço Educativo e a colocação de cadeiras ao longo do percurso da exposição. Esta visita foi dirigida pela Guia 2 (G2) que, tal como o Guia1, iniciou a atividade com uma receção calorosa de boas-vindas aos visitantes na pequena sala da entrada do museu. O plano de ação está descrito no quadro abaixo, que descreve o horário e todo o percurso da visita.

Tabela 5 Descrição da Atividade do Grupo 2

28 de maio de 2015	
Hora	Descrição da Ação
14:30 - 14:45	Chegada das carrinhas à entrada do museu.
14:45 – 15:00	Entrada no museu Receção de boas-vindas; Exploração dos brinquedos de barro expostos na sala da receção.
15:00 – 15:45	Passagem para o 1º Piso; Exposição <i>Olaria Norte de Portugal</i> .
15:45 – 16:15	Passagem para a Oficina do Serviço Educativo para a pintura do Galo de Barcelos.
16:15 – 16:30	Despedida e entrada dos idosos nas carrinhas.

Esta visita começou com a apresentação da G2, que aproveitou falar das suas funções no museu. De seguida perguntou a origem do grupo visitante e se já tinham visitado este espaço cultural, tendo-se verificado o seguinte:

(M.J.) Eu nunca cá tinha vindo. É a primeira vez. (...)

(M.) Nós já vimos uma vez, lembra-se D. (M.M.) que até fizemos uma cestinha em barro? (...)

(A.C.) Eu nunca vim. Só conhecia isto de fora. (...)

(E.G.) Isto aqui é um luxo! Sim senhora! (...)

(M.E.) Nós já cá tínhamos vindo, sabe! Mas é sempre bom voltar, para ver coisas novas. Gosto muito, assim também saímos da toca! (...)

De seguida a G2, explicou a história do museu, de forma idêntica à do Guia anterior, acrescentando que este inicialmente se situava na sala subterrânea do Paço dos Condes e que por falta de condições para acolher o espólio, em 1995 passou para este edifício, denominada Casa dos Mendanhas. A partir da história do museu, a G2 introduziu a temática da olaria, convidando os visitantes a observar os artefactos expostos à sua volta e a explicarem o que estavam a ver incentivando os visitantes a ficarem à vontade e a serem participativos. Ainda um pouco tímidos e inseguros, sussurravam entre eles:

(M.R.) Olha ali que lindo, aquelas figuras do presépio. Eu ainda tenho algumas assim. Ainda faço o presépio à moda antiga, sabe! Tem musgo e tudo ... casinhas como estas e o moinho. Não gosto destas modernices, prefiro o antigo (...)

(G.F.) Olhe para ali D. (E.G.), tudo tão pequenino, mas tão bem feitinho! (...)

(A.C.) Olhe para estas loucinhas. Eu lembro-me que a minha mãe quando vinha à feira a Barcelos, às vezes trazia-nos destas loucinhas pequeninas! Gostava tanto! Eram os meus brinquedos (...)

(L.P.) Eu também tinha destas loucinhas. Na altura eram os brinquedos mais baratos para as meninas. Não havia dinheiro para mais. Era uma tristeza quando partiam. (...) Olhe ali o ferrinho, que bonito!

(M.J.) A minha mãe fazia-nos bonecas com trapos, com os restos de roupa velha. Eram tão bonitas, os cabelos eram feitos de lã. (...)

(I.H.) Olhe para aquela fotografia Dona (M.J.). Também está descalça como nós andávamos. Tempos duros, agora a canalha tem tudo! (...)

(M.M.) Olhe ali os assobios, ainda se vendem na feira. E estas loucinhas também! Mas as crianças hoje em dia não dão valor a estas coisas. Para nós era uma festa quando nos davam alguma peça destas.

Depois de visualizados os brinquedos, seguiu-se a passagem para o piso superior para verem no auditório do Museu um vídeo sobre a história do Galo de Barcelos (Fig.24) e a exposição *Representações do Mundo Rural no Figurado*.

Algumas pessoas recorreram ao elevador, mas outras subiram os dois lances de escadas.



Fig. 26: Visualização do episódio *Made in Portugal: Galo de Barcelos* no auditório do museu, 28 de maio de 2015 © Sá

A G2, iniciou esta atividade perguntando aos idosos se conheciam a origem da Lenda do Galo de Barcelos. Eles responderam que sabiam, mas que não se lembravam, pelo que a G2 começou a relatar a Lenda que ia sendo complementada com a interrupção de algumas pessoas, que participaram no seu relato. Seguidamente, viram o 2º episódio do documentário *Made in Portugal: Galo de Barcelos*, produzido pela Sete Sentidos para o Canal História, que divulga esta tradição de artesanato⁵ barcelense, através de relatos de vários artesãos. No final da visualização do episódio, registei as seguintes percepções:

(M.R.) Nunca pensei que houvesse assim tantos Galos de Barcelos diferentes! Eram todos muito bonitos. (...)

(I.R.) Eles fazem um Galo, como nós fazemos, sei lá bem o quê. Até parece fácil, mas não é para qualquer um. (...)

Depois de visualizado o episódio passaram para a sala da exposição *Representações do Mundo Rural no Figurado*. Esta visita, como foi referido anteriormente, foi planeada com a responsável do Serviço Educativo e acordada a colocação de algumas cadeiras na sala de exposições, para o caso de alguém

⁵ Artesanato - mestria materiais, processos e técnicas, algum grau de manualidade e uma firme procura de qualidade (Houghton,2000, In Moura e Cruz,2006:50).

pretender descansar. Algumas pessoas sentiram necessidade de repousar um pouco, enquanto outras continuaram a pé como se pode verificar na Figura 27.



Fig. 27: Exposição Representações do Mundo Rural no Figurado, 28 de maio de 2015 © Sá

Conforme iam chegando à sala da exposição, iam-na percorrendo livremente, conversando entre si, expondo as suas opiniões sobre as peças e complementando as suas observações com lembranças das suas vivências:

(M.M.) Olhe ali Dona (E.S.) que bonito, não é! São mesmo artistas. Não é qualquer pessoa que faz uma coisa destas! (...)

(M.R.) Olhe que é preciso se ser artista para fazer tamanha beldade! Que bonito! Olhe ali os bois a puxar o arado para mexer a terra e aqueles com a grade para a alisar. (...)

(I.H.) Esta junta de bois está muito linda. Nós tínhamos um carro de bois e eu é que andava à frente dele. (...)

(G.F.) Olhe ali aquela com a foicinha! E este tem o engaço. Aquele está com a enxada e este com machado... (...)

(M.M.) Olhe ali o eirado...que bonito! E quando malhávamos o milho no eirado lá de casa! Uns na banda de lá, outros na banda de cá, era uma festa, sabe! Bons tempos! Difíceis, mas muito bonitos! (...)

(A.C.) Olhe aqueles, que farra! Nem se seguram! Até estão corados! (...)

A G2 começou por introduzir a temática do figurado convidando os visitantes a olharem para as peças que estavam expostas à sua frente (Fig.28), complementando o que estas estavam a dizer, com informações mais detalhadas:

(I.H) Olhe as bonecas da...

(Guia) Esta boneca é da Júlia Côta.

(I.H) Sim da D. Júlia. Na semana passada fomos a casa dela. É muito simpática. Mostrou-nos as suas bonecas e os diabos.

(M.R.) Olha aquela com as galinhas à cabeça.

(G2) Essa peça é da Conceição Sapateiro.



Fig. 28: Exposição Representações do Mundo Rural no Figurado,
28 de maio de 2015 © Sá

Depois de verem e falarem sobre os artefactos que se situavam na entrada da sala, alguns dos idosos foram seguindo a G2, ouvindo as suas explicações e interpelando-a com os seus conhecimentos e relatos das suas vivências (Fig.29), enquanto outros preferiram visualizar as peças num ritmo mais lento, deixando-se ficar para trás, observando algumas com mais atenção, como se pode ver na Figura 30.



Fig. 29: Exposição Representações do Mundo Rural no Figurado,
28 de maio de 2015 © Sá



Fig. 30: Exposição Representações do Mundo Rural no Figurado, 28 de maio de 2015 © Sá

Durante o percurso a G2 foi relatando e questionando os idosos sobre a simbologia das peças de artesanato:

(G2) Aqui estamos perante uma peça que representa algo que vos é familiar, com certeza! (...)

(M.E) São as vindimas! Que bonito! Que saudades de andar empoleirada nas ramadas! Era tão bom, juntava-se toda a gente para vindimar era uma festa. Ajudávamos uns aos outros. Uns dias íamos para uns, outros dias íamos para outros. (...)

(M.R.) Esta junta de bois é muito conhecida, Nesta, o carro leva os cestos já cheios das uvas...Deve ir para o lagar... (...)

(M.M) Aqui está a mulher a pôr a broa no forno a lenha. Eu também fazia, sabe? (...)

(G2) Sim, aqui está representada o processo de fabrico do pão. (...)

(M.M.) Antigamente todos os domingos fazia broas no forno lá de casa para toda a família. Agora já não faço, não tenho gente para as comer. Agora vivo sozinha. (...)

(I.H.) Olhe os espigueiros! Ainda tenho um, mas agora só serve de decoração. Antigamente guardava lá as espigas, que depois de secas, eram estendidas e malhadas na eira. O grão das espigas melhores iam para o moinho para fazer farinha para o pão e o grão mais fraco ia para os animais. Era uma alegria o tempo de "Samiguel". (...)

(E.G.) SE era D (I.). Era uma alegria! o tempo das colheitas. Era o mais bonito! As vindimas, as malhadas era uma maneira de toda a gente se juntar. Agora já não há nada disso...(..)

Depois de visitada a exposição do figurado, o grupo passou para a oficina do S.E.A. onde foi lançado o desafio da pintura de um Galo de Barcelos em barro. Devo

referir que o espaço é bastante pequeno, e por esse motivo, o Grupo 2 composto por quinze pessoas, teve de realizar esta atividade no auditório do museu, situado ao lado da Oficina com acesso aos lavatórios e materiais. No início da atividade alguns idosos mostravam-se ansiosos e inseguros com a pintura, mas com a ajuda da investigadora, da G2 e das estagiárias que acompanharam apenas esta atividade, foram ganhando mais confiança na pintura, como se pode verificar nas Figuras 31 e 32.



Fig. 31: Atividade de Pintura do Galo de Barcelos,
28 de maio de 2015 © Sá



Fig. 32: Atividade de Pintura do Galo de Barcelos,
28 de maio de 2015 © Sá

A G2 referiu que os verdadeiros artistas tinham de se equipar a rigor, e que neste caso teriam de usar um avental para evitar sujarem-se. Depois explicou que na pintura, usariam as tintas de guache. Explicou também que as tintas se misturavam com água e que deveriam pintar primeiro as cores mais claras e somente no final as cores mais escuras, pois esta tinta por ser muito aquosa, não permitia a sobreposição de cores. Depois de explicada a tarefa, seguiu-se a distribuição dos Galos, das tintas e pincéis e ao longo da atividade, iam-se ouvindo as seguintes afirmações:

(M.J.) Olha agora, depois de velha, é que venho pintar. Não pintei quando era nova e agora põem-me pinceis na mão. (...)

(Guia) Nunca é tarde para viver novas experiências Dona... Hoje vai pintar, olhe que sorte! (...)

(M.R.) Não sei como ei-de pintar. Pode dar-me aqui uma ajudinha? (...)

(G2) Claro que sim! Qual é a sua cor preferida? Pode pintar o Galo com essa cor, que diz? (...)

(A.C.) Olha o da Dona (E.G) que lindo que está a ficar. O meu está um pouco simplesinho demais, não acha?

(G2) Pode fazer umas pintinhas, se achar que fica mais bonito. Olhe aquele, dá-lhe logo um ar diferente. (...)

(M.M) Que giro, estão todos diferentes e cada um fez ao seu gosto! (...)

(M.E.) Aqui a Dona (I.) é uma artista. Que giro que está o seu galo! (...)

(G2) Vocês saíram-me cá uns artistas! Com tanto medo e estão todos tão bonitos! Estão todos de parabéns! (...)

(M.) O meu Galo vai ficar na cozinha ao lado da cestinha que fiz da última vez que vim aqui. (...)

(E.G.) Olhe o meu Galo de Barcelos, está bonito não está? Podemos levar embora?



Fig. 33: Atividade de Pintura do Galo de Barcelos,
28 de maio de 2015 © Sá

No final desta atividades os idosos mostravam-se satisfeitos com a realização desta atividade, como se pode observar nas Figuras 32 e 33, expressando o seguinte:

(G.F) Até está engraçado, não está? (...)

(M.) Vá lá, vá lá, até ficou bonitinho! (...)

(M.R) Olhe, por ter sido feito por mim, tá muito bonito. (...)



Fig. 34: Atividade de pintura do Galo de Barcelos, 28 de maio de 2015 © Sá



Fig. 35: Atividade de pintura do Galo de Barcelos, 28 de maio de 2015 © Sá

Depois de questionados sobre a satisfação que esta atividade proporcionou, a G2 deu por finalizada a visita ao Museu. Conforme iam terminando de lavar as mãos, os idosos foram conduzidos para a entrada do museu. Alguns desceram novamente pelas escadas, enquanto outros recorreram ao elevador. Já todos juntos na entrada do museu, a G2 questionou-os novamente sobre a sua satisfação e se tinham alguma questão a levantar. Algumas respostas evidenciaram o forte entusiasmo:

(M.) É sempre bom vir cá, aprendemos sempre coisas novas. (...)

(M.E.) Gosto muito de vir ao Museu, é sempre uma tarde bem passada! (...)

(I.H.) Nunca pensei que o Museu fosse tão bonito. Havemos de cá voltar. Tem coisas muito bonitas, dignas de se ver! (...)

(A.C) Gostamos muito. Muito obrigada por tudo. (...)

Enquanto esperavam a chegada das carrinhas na entrada do Museu, a G2 despediu-se, dizendo que tinha sido um prazer ter conduzido a visita e que esperava uma nova visita no futuro. Desta forma, os idosos despediram-se prometendo voltar. Dirigiram-se para as carrinhas que novamente subiram o passeio para ser mais fácil o seu acesso.

4.3 Ciclo 3 - Segunda visita ao Museu

A segunda visita ao Museu de Olaria decorreu dois meses mais tarde, no dia 31 de julho de 2015 no âmbito da inauguração da exposição *Artes Sénior* no espaço do museu e apresentação do projeto *Artes Sénior* à comunidade. Este projeto, como referido anteriormente, foi desenvolvido no contexto de quatro Centros de Dia e Convívio do concelho de Barcelos, através do Pelouro da Educação da Câmara Municipal de Barcelos, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos idosos através das artes. A exposição *Artes Sénior* surgiu como resultado das sessões de Artes Plásticas, onde foram abordadas as tradições locais, nomeadamente, a Lenda do Galo de Barcelos e das Cruzes, os Arcos característicos da Festa das Cruzes e o Figurado, oferecendo-lhes uma nova abordagem plástica recorrendo à reutilização e reciclagem de materiais, como se pode verificar nas Figuras 36 e 37. Nesta exposição pode-se observar os vários trabalhos realizados pelos idosos nos Centros e os galos de barro pintados na oficina do S.E.A. na primeira visita ao museu, como se pode ver na Figura 37.



Fig. 36: Exposição Artes Sénior,
31 de julho de 2015 © Sá

Nas sessões de Artes Plásticas desenvolvidas nos Centros de Dia, os utentes tiveram a oportunidade de explorar as suas aptidões artísticas, através da exploração e manipulação de diversos materiais e técnicas plásticas, para além de serem sensibilizados para a valorização do património local e estimulados para a frequência de instituições culturais.



Fig. 37: Exposição Artes Sénior,
31 de julho de 2015 © Sá

Reflexão – Avaliação

A segunda visita ao Museu, no contexto da inauguração da exposição Artes Sénior teve como principal finalidade reforçar os laços deste público com este espaço cultural. A exposição pretendeu mostrar, divulgar e valorizar o trabalho realizado pelos idosos de quatro Centros de Dia e Convívio, participantes no projeto Artes Sénior, para além de:

- Fortalecer a sua auto estima e confiança;
- Desenvolver as suas competências pessoais e sociais;
- Promover a qualidade de vida estimulando a vida mental, física e afetiva;
- Incentivar o envolvimento em atividades culturais que podem contribuir para bem-estar;
- Desenvolver o espírito crítico, a imaginação e a criatividade;
- Promover o património cultural local;
- Divulgar conhecimentos, artes e saberes da cultura local.

Nesta atividade, para além dos restantes grupos do Projeto Artes Sénior, estiveram presentes 16 pessoas do Centro de Carapeços e 10 do Centro de Sta. Eugénia (Figs. 38 e 39).



Fig. 38: Grupo de Rio Côvo Sta. Eugénia na exposição Artes Sénior,
31 de julho de 2015 © Sá



Fig. 39: Grupo de Carapeços na exposição Artes Sénior,
31 de julho de 2015 © Sá

Este evento decorreu em dois espaços distintos. A apresentação da atividade da música (uma vertente do projeto), decorreu nas instalações da Biblioteca Municipal de Barcelos e a atividade das Artes Plásticas, no Museu de Olaria de Barcelos. Deu-se início à apresentação pelas 14h, no auditório da Biblioteca Municipal de Barcelos, com atuações musicais dos quatro Centros participantes no projeto. Esta apresentação contou com a presença da Vereadora da Educação e Ação Social do Município de Barcelos e professoras responsáveis pelo projeto, dos responsáveis pelos Centros, dos idosos participantes, de familiares, amigos e convidados. Finalizada esta atuação, todos os Centros participantes no projeto e convidados, dirigiram-se para o espaço do Museu de Olaria para assistirem à inauguração da exposição Artes Sénior que se encontrava patente na sala da receção, logo na entrada do museu. Todas as pessoas se dirigiram a pé para o museu, por este estar localizado nas imediações da biblioteca, deslocando-se muito lentamente, em pequenos grupos acompanhados por familiares e amigos, chegando às suas instalações por volta das 16h. Conforme iam chegando e reconhecendo os trabalhos expostos, surgiram os seguintes comentários:

(M.I.) Ai Dona... que lindo que está! Olhe para isto! Que maravilha, quem diria! (...)

(R.) Estes são os nossos trabalhos? Ah, está tudo espalhado! Ai, pois são! Olhe ali o nosso Arco Sr. (N.)! (...)

(G.F.) Isto está um encanto! (...)

(M) Isto está um luxo! Olhe ali a nossa bonequinha, tão bonitinha! (...)

Já todos reunidos, deu-se início à inauguração da exposição, com honras de abertura proferidas pela Vereadora da Educação e Ação Social e com a presença da Diretora do museu, que demonstrou o seu agrado e satisfação por acolher uma exposição tão nobre nas suas finalidades e inovadora neste contexto, pois o museu nunca tinha acolhido uma exposição com estas características.



Fig. 40: Exposição Artes Sênior
31 de julho de 2015 © Sá

Feitos os pequenos discursos de abertura, os idosos começaram a percorrer livremente a exposição relatando estados de alma e opiniões sobre a exposição:

(M.A.) Que lindo que está! Nunca pensei ver os meus trabalhos expostos num museu. (...)

(C.A.) Que linda que está, até estou emocionada! Estão cá os nossos trabalhos. (...)

(M.M.) Somos ou não somos capazes! Olhe o resultado final, não está bonito? (...)

(E.S.) Os trabalhos até parecem mais bonitos aqui. Não acha? (...)

(T.) Os trabalhos do Centro de... estão muito bonitos, mas os nossos estão mais, ora diga lá? (...)

(R.) Está tudo muito bonito, sim senhora. Ah, que lindo! Os nossos trabalhos logo aqui na entrada...(...)

(N.) Tantas horinhas passámos a fazer este arco! Mas está bonito não está?! Claro que também tivemos ajuda, não foi? (...)

Ao longo da visita à sua exposição, os idosos foram denunciando o que estavam a sentir em conversa com familiares e colegas:

(M.A) Ah custou entrar no ritmo, não foi, mas o resultado está muito bonito, não está? Que achas? (...)

(M.R.) Olha só para isto, quem diria que conseguíamos fazer estas coisas todas!”

(R.) Estou “barada” com o que estou a ver! Fomos nós que fizemos isto tudo! Está muito tão bonito, nem acredito! (...)



Fig. 41: Exposição Artes Sénior,
31 de julho de 2015 © Sá

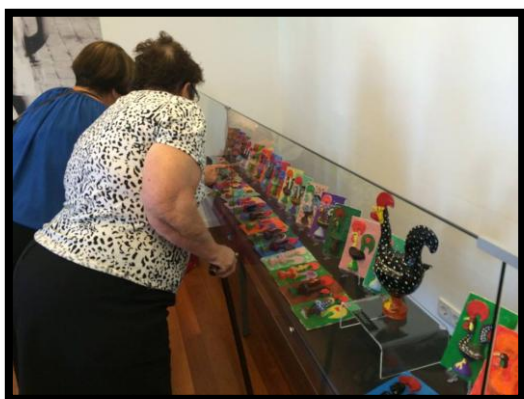


Fig. 42: Exposição Artes Sénior, 31 de julho de 2015 © Sá

Ao longo da visita à exposição, os idosos mostravam-se alegres e mais desinibidos, circulando livremente pela sala. Depois de visualizada a exposição, o museu proporcionou no seu jardim um pequeno lanche (Fig.43), onde os idosos puderam conviver com os convidados e com os funcionários, que iam elogiando o

trabalho realizado. Deu-se por encerrada a inauguração da exposição, por volta das 17h.



Fig. 43: Lanche no espaço exterior do Museu de Olaria,
31 de julho de 2015 © Sá

4.4 Sumário

Este capítulo descreveu os três ciclos de ação e a recolha de dados no espaço do Museu de Olaria de Barcelos. Realizou-se uma descrição e análise mais aprofundada dos ciclos dois e três, nomeadamente quanto à implementação das visitas ao museu e à exposição Artes Sénior, destacando os objetivos, recursos, conteúdos, estratégias e atividades.

CAPTULO 5

Resultados e Conclusões

5.0 Introdução

Esta investigação é entendida como um processo de reflexão contínua, que desenvolve procedimentos formais e enfatiza uma perspetiva qualitativa de investigação. O estudo estruturou-se em três fases:

1. Sistematização de ideias e caracterização do estado da arte (Capítulos 1 e 2);
2. Tomada de decisões que a investigadora e equipa de investigação-ação observaram e a partir da qual descreve a informação recolhida (Ciclos 1, 2 e 3);
3. Organização da informação e dos dados, sua análise, tratamento e interpretação dos resultados (Capítulo 5).

Este capítulo interpreta os dados recolhidos no trabalho de campo, relacionando-os com as ideias exploradas na revisão da literatura e alicerça-se nos seguintes temas:

- I. Perceção dos idosos;
- II. Perceção dos Responsáveis pelos Centros;
- III. Perceção dos Responsáveis pelo Museu;
- IV. Reflexão da Investigadora.

Os temas foram seleccionados tendo em conta as questões chave da pesquisa:

- Que estratégias são utilizadas no Museu de Olaria de Barcelos para acolher o público sénior?
- De que forma a mediação sociocultural e artística contribui para a inclusão dos idosos, enquanto agente de aprendizagens?

- Que estratégias ajudam a captar a atenção dos visitantes e a melhorar a comunicação?

5.1 Percepções dos Idosos

Para conhecer mais de perto a sensibilidade, a adesão e a opinião de todos os participantes idosos nestas visitas ao museu elaboraram-se dois inquéritos, que foram respondidos pelos participantes durante e no final da investigação-ação. Esta foi a estratégia encontrada para responder às seguintes questões:

1. Conhecia o museu?
2. Gostou de visitar o museu?
3. A visita superou as suas expectativas?
4. Quais as opiniões sobre as atividades?
5. Sentiu-se confortável no museu?
6. Gostou dos monitores do museu?
7. Sugestões para o futuro?

A partir do primeiro inquérito realizado aos participantes após a primeira visita ao Museu, todos os idosos mostraram grande satisfação com a mesma e com as exposições, mostrando vontade de o voltar a visitar. A primeira atividade tinha como principal objetivo dar a conhecer o Museu de Olaria a um grupo de idosos que frequentam dois Centros de Convívio e proporcionar-lhes uma aproximação a este espaço, explicando que o museu se destina a todos. Esse objetivo foi conseguido pois todos os idosos manifestaram vontade de visitar o museu no futuro. No início das visitas, ambos os grupos, demonstravam alguma insegurança, como se pode verificar nas seguintes expressões registadas no diário de bordo, no momento de descida da carrinha em direção à entrada do museu:

(E.S.) Olha agora, os velhos vêm para o Museu! Fazer o quê? Dar trabalho? (...)

(R.) Oh, só vim dar trabalho! Eu bem disse, mas a Dona... insistiu tanto para eu vir. (...)

No entanto, com o passar do tempo foram-se sentindo mais à vontade. Verifica-se que outra das estratégias bem-sucedidas foi o convite feito por ambos os Guias aos dois grupos dos Centros participantes, incentivando os idosos a participar na descrição do que estavam a observar, valorizando os seus saberes, os seus conhecimentos e as suas vivências. A utilização de uma linguagem simples e acessível também contribuiu para a compreensão e discussão dos artefactos observados e para a criação de um ambiente descontraído.

(G2) Ó Dona... se fazia pão, estas peças dizem-lhe alguma coisa...

(M.M) Ah! Eu tinha um forno assim, igualzinho. A broa de agora não sabe a nada. A que eu fazia, num forno igualzinho a este tinha um saber muito melhor. Fazia todos os domingos. Olhe este (forno), já é mais recente. (...)

A estratégia consistiu numa exploração de artefactos representativos da cultura local, nomeadamente, através de peças de olaria e figurado, permitindo aos utentes a oportunidade de sair do seu ritmo diário, explorar novos conhecimentos, conviver, socializar, relembrar vivências, partilhar experiências e distrair-se. Essa estratégia possibilitou o exercício de memória e de motricidade, ao mesmo tempo que estimulou a criatividade e imaginação. Apesar do Grupo 1 ter realizado uma visita guiada mais demorada, o que originou um maior cansaço e a não realização da atividade prática da pintura do Galo, sentiu-se uma grande satisfação, por terem sido bem recebidos, por terem visto coisas novas, por terem saído do espaço do Centro e por terem vivenciado uma nova experiência.

O contacto com artefactos que não conheciam, permitiu recordar as suas vivências e experiências. A satisfação foi evidente ao longo do percurso das exposições e no final, refletindo-se nos seus rostos em sorrisos rasgados e expressões positivas. As pessoas que nunca tinham visitado o museu, mostraram mais segurança no decorrer da visita, como se pode verificar nestes comentários:

(M.R.) Isto aqui vale a pena ver! (...)

(I.R.) Gostei muito, vamos desafiar a nossa Dra. a vir cá mais vezes. (...)

(E.G.) Gostei muito, vim ver coisas que não sabia que tínhamos cá em Barcelos. Estamos sempre a aprender. (...)

Apesar de algumas pessoas já conhecerem o museu, esta experiência revelou também que gostariam de voltar a este espaço.

(M.) Já tínhamos cá vindo uma vez. Há coisa de um ano. Lembro-me que fizemos uma cestinha de barro. É sempre bom vir cá, vemos coisas novas e muito bonitas. (...)

No final, todos os participantes nesta atividade declararam que a visita tinha contribuído para passar melhor o tempo, além de ter proporcionado momentos agradáveis de convívio, socialização e educação. A análise dos inquéritos permitiu verificar que a visita tinha superado as suas expectativas e que gostariam de voltar a visitar o museu. Foi unânime o bem-estar referido pelos participantes, tanto ao nível do ambiente físico do museu, como ao nível das relações humanas. Consideraram que o Museu tinha boas condições para os receber, tanto ao nível da acessibilidade física (rampas, elevadores e casa de banho adaptadas), como acessibilidade intelectual (conteúdos, linguagem e atividade). Os idosos indicaram no questionário que se sentiram confortáveis com a temperatura do museu e com a acessibilidade às casas de banho. Relativamente ao papel dos mediadores na ação pode verificar-se a satisfação dos idosos com os dois Guias, relatando que tinham sido muito bem recebidos, destacando a forma carinhosa como os acolheram e o empenho de todos em proporcionar um bom ambiente durante a visita, sendo prestáveis, amáveis e atenciosos, mostrando uma verdadeira intenção de auxiliar/ajudar o visitante. Na primeira visita do Grupo 2, é de salientar a satisfação demonstrada pelos idosos na atividade de pintura na oficina do serviço educativo, que foi para muitas pessoas uma experiência nova, que no final resultou na satisfação pessoal através do aumento da autoestima e confiança. A utilização de tecnologias multimédia acabou por captar também a atenção dos idosos e melhorar a comunicação.

A atividade da inauguração da exposição Artes Sénior, potenciou a aproximação deste público ao espaço do Museu, oferecendo-lhes um sentimento de pertença a este espaço cultural, que valorizou e reconheceu as suas capacidades e permitiu a exposição dos seus trabalhos. Da inauguração da exposição Artes Sénior, todos idosos relataram que ficaram bastante emocionados com a divulgação dos seus trabalhos como demonstram os dados dos inquéritos aplicados no final da inauguração. Os dados revelam que os idosos se sentiam mais próximos do museu por este ter exposto e valorizado os seus trabalhos. Os idosos sentiram-se orgulhosos com os seus trabalhos e mostraram motivação para participar novamente em atividades similares. Esta exposição proporcionou, no dia da sua inauguração, momentos agradáveis de convívio entre os participantes dos vários Centros de Dia, dentro do espaço do museu, mostrando uma maior ligação destas pessoas com este

espaço cultural. A inauguração da exposição teve um grande efeito positivo a nível psíquico e emocional, pois contribuiu para o bem-estar das pessoas participantes promovendo sentimentos de alegria, orgulho, satisfação, que contribuíram para o desenvolvimento da autoestima, realização e valorização pessoal. É de salientar que, no final destas duas atividades, todos os participantes seniores manifestaram vontade de continuar a frequentar o espaço do museu e em diversas atividades culturais tais como concertos, teatros, visualização de filmes, festas e convívios. Da interpretação das afirmações recolhidas nos inquéritos e em diálogos é de salientar neste estudo que a visita ao museu foi percecionada pelos idosos como uma experiência enriquecedora do ponto de vista humano. Estas pessoas valorizam muito os afetos e a maneira como são tratadas. Mais do que valorizar as experiências educativas, valorizaram a forma como foram recebidas e apoiadas ao longo do tempo que se encontraram no museu.

A Tabela 6 sintetiza as perceções dos idosos.

Tabela 6 Perceções dos Idosos

Forças	Fraquezas	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> ▪ A visita ao museu contribui para passar melhor o tempo; ▪ Apreciam o carinho e a delicadeza com que são tratados pelos funcionários do museu; ▪ Apreciam e valorizam o espólio do museu; ▪ Apreciam as condições físicas do museu e a sua acessibilidade; ▪ Apreciam as atividades práticas desenvolvidas na oficina do S.E.; ▪ Apreciam a utilização de recursos multimédia; ▪ Boas estratégias de mediação e comunicação (linguagem simples e acessível, valorização dos seus conhecimentos). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Custo da entrada no museu; ▪ Falta de estacionamento perto da entrada do museu; ▪ Programação pouco diversificada. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Interação Institucional; ▪ Reforço da prática de consumo cultural; ▪ Atender às necessidades de convívio, aprendizagem e divertimento.

5.2 Perceções dos Responsáveis pelos Centros

Os responsáveis pelos centros foram unânimes nas avaliações das atividades desenvolvidas no Museu. Ambos salientaram a mais-valia da visita ao museu, pela possibilidade dos idosos saírem da sua rotina diária, explorarem novos contextos e conceitos, desafiando-os a lidar com novas situações e atividades, contrariando atitudes passivas e melancólicas, que muitas vezes levam à depressão e ao isolamento. Entenderam o museu como um espaço onde os idosos podem desfrutar de experiências cognitivas, através da estimulação da criatividade e da memória, e também como espaço de inclusão social.

O contacto com o museu possibilitou, segundo os responsáveis, momentos agradáveis de educação através da aquisição de novos conhecimentos e essencialmente de socialização através da interação entre os membros e funcionários do museu.

A exposição Artes Sénior contribuiu para o bem-estar dos idosos participantes, favorecendo o bem-estar psíquico e emocional a vários níveis: emoções positivas de alegria, satisfação e autoestima. Sentiram que o seu trabalho foi valorizado tendo sido exposto no Museu, contribuindo desta forma para o aumento da sua autoestima, confiança nas suas capacidades e aceitação de novos desafios, incentivando-os a continuarem a ser ativos e participativos socialmente.

As reações dos idosos no final na visita foram bastante satisfatórias nos dois grupos, expressando a vontade de repetirem a visita.

O contacto com a arte popular, conotada com autenticidade e onde os criadores, segundo Araújo (2000, In Moura e Cruz, 2006:50), não estão limitados à produção da comunidade, nem são facilmente seduzidos pelas exigências de mercado, foi uma ferramenta ideal para ligar este público à sua ancestralidade. Foi um recurso excelente para ajudar a despoletar os sentidos, que incorporou o princípio de “entendimento pela partilha”, estimulando competências físicas e psíquicas que permitiram a estes dois grupos de idosos, um melhor relacionamento consigo próprios e com o mundo.

Os responsáveis referem a visita ao Museu como um recurso para desenvolverem atividades artísticas para além de ser um espaço que possibilita a exploração da cultura local. Consideram também que através da sua oficina do S. E.A. possibilita a utilização de atividades que estimulam a criatividade e a expressão pessoal e por esse motivo deveriam usufruir dele mais vezes.

A partir dos inquéritos realizados no final das visitas, verificou-se que no universo de 29 pessoas que participaram neste estudo, somente 5 tinham conhecimento da

existência do Museu de Olaria e já o tinham visitado com o Centro, há mais de um ano. As restantes 24 pessoas nunca tinham visitado o Museu de Olaria, nem tinham conhecimento da sua existência. Em entrevista aos responsáveis dos Centros, os dois conheciam o museu e já o tinham visitado, contudo não o colocavam no plano de atividades dos idosos, mesmo tendo acesso à sua programação através do seu site.

O principal entrave à visita ao museu deve-se, segundo os responsáveis dos Centros, aos custos financeiros com a entrada neste espaço. As baixas reformas dos utentes e os escassos recursos financeiros dos Centros foram os principais entraves identificados por partes dos responsáveis dos Centros para a frequência regular nas atividades do Museu. Contudo, também assumem a falta de motivação para a procura das atividades desenvolvidas no Museu, referindo ainda a ausência de incentivo do próprio Museu em cativar este público, através de convites e programas especialmente desenhados para este grupo de pessoas, que leva ao esquecimento deste equipamento cultural.

Sendo os Centros de Dia um dos principais responsáveis, impulsionadores e motivadores para a visita ao museu, ficou claro ser necessário estreitar os laços entre os mesmos e o museu. Uma maior colaboração entre estas duas instituições, fazia todo o sentido, na medida em que em conjunto poderiam definir estratégias de desenvolvimento de hábitos de visita ao Museu e programação, de acordo com as necessidades deste público e assim desenvolver uma relação de proximidade e de confiança com esta instituição cultural.

Os responsáveis pelos Centros são os primeiros a identificar as mais-valias da visita ao museu para os idosos. Realçam o papel que este pode desempenhar juntamente com os Centros na promoção da inclusão e interação social deste grupo etário, combatendo o isolamento e a solidão. Reconhecem o Museu como um espaço onde se pode aliar a educação com a socialização com vista ao bem-estar integral da pessoa idosa, através da promoção de um envelhecimento ativo e feliz e ao mesmo tempo estimular capacidades cognitivas dos utentes, combatendo as debilidades que advêm com o avanço da idade. Na visão dos Responsáveis pelos Centros, o museu educa através do seu espólio, produz conhecimento sobre a cultura local, permite ver artefactos, permite romper com a rotina dos idosos, possibilita a aproximação com memórias coletivas e promove o lazer e o divertimento.

O quadro seguinte, representa resumidamente o ponto de vista dos Responsáveis pelos Centros quanto à visita ao museu.

Tabela 7 Percepções dos Responsáveis pelos Centros

Forças	Fraquezas	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> ▪ A visita ao museu contribui para o bem-estar da pessoa idosa; ▪ Retira os idosos da rotina diária e desafia-os a lidar com situações novas; ▪ Possibilita a participação social; ▪ Possibilita momentos de educação e socialização; ▪ Estimulação cognitiva (memória, concentração e raciocínio); ▪ Apreciam o carinho e a delicadeza com que os idosos são tratados pelos funcionários do museu; ▪ Valorizam a cultura local e o espólio do museu; ▪ Apreciam as condições físicas do museu e a sua acessibilidade; ▪ Apreciam as atividades práticas como estímulo à criatividade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Custo da entrada no museu; ▪ Falta de estacionamento perto da entrada do museu; ▪ Escassez de incentivos por parte do museu para a frequência destes grupos no seu espaço; ▪ Escassez de atividades relevantes para estes grupos; ▪ Carência de diálogo e proximidade entre o museu e instituições dedicadas à "Terceira Idade"; ▪ Carência de divulgação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolvimento de diversas atividades educativas, culturais e sociais; ▪ Desenvolver um programa de Orientação de Responsáveis pelos Centros com a intenção de os aproximar e sensibilizá-los para a frequência do museu; ▪ Assessorar na planificação da visita ao museu e fortalecer um sentimento de partilha e de união nas suas funções educativas e sociais; ▪ Trabalhar em parceria com os Centros de Dia do Concelho.

5.3 Perceções dos Responsáveis pelo Museu

Questionados sobre o impacto das visitas e da exposição Artes Sénior realizada no museu, referem na entrevista que foi uma mais-valia sobretudo pela relação de proximidade que se estabeleceu entre os visitantes e as coleções do museu, e pelo modo como estas (coleções) passaram a ter uma nova dimensão patrimonial para estes visitantes/artistas. Esta ligação refletiu-se com a revisita a este espaço cultural dos centros participantes nesta exposição, no mês de agosto e novembro de 2015.

Neste sentido consideram que estas atividades proporcionaram uma aproximação deste público ao espaço do museu, que não sabia da sua existência criando a intenção de visitá-lo regularmente. Desta forma, alegam que gostariam de receber mais grupos seniores com vista à divulgação das coleções de olaria que o museu detém, bem como, contribuir para salvaguarda, estudo e divulgação da olaria como património nacional.

O quadro seguinte, representa resumidamente o ponto de vista dos Responsáveis pelo Museu quanto à visita do público sénior.

Tabela 8 Perceções dos Responsáveis pelo Museu

Forças	Fraquezas	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none">▪ Ter boas condições físicas e de acessibilidade;▪ Ter um espólio relevante para estas pessoas;▪ Boas estratégias de mediação (Linguagem acessível e valorização dos conhecimentos dos idosos;▪ Local onde se promove a interação e inclusão social.	<ul style="list-style-type: none">▪ Ter de cobrar entrada ao público sénior;▪ Não ter colaboradores suficientes;▪ Não ter orçamento suficiente para desenvolver programas diversificados para idosos;▪ Ter uma oficina de pequenas dimensões;▪ Não ter estacionamento perto da entrada.	<ul style="list-style-type: none">▪ Tecer parcerias com as várias instituições dedicadas à Terceira Idade;▪ Aumento da população Sénior;▪ Aumento da procura de instituições culturais devido ao aumento do capital cultural e escolar da população.

5.4 Reflexão da Investigadora

Como profissional e investigadora, a minha reflexão recai sobre todas as atividades realizadas no âmbito do museu (visita guiada e exposição) através da análise das notas de campo, dos inquéritos e entrevistas aplicadas e dos registos audiovisuais. Tendo realizado este estudo num museu, um espaço cultural onde se viabiliza, fomenta e incentiva a troca de conhecimentos e aprendizagens, também se assume transmissor de ideais e valores, pretendi contribuir para a sensibilização das questões do envelhecimento, através do desenvolvimento de hábitos de visita e fruição de instituições culturais, nomeadamente o museu, para além de reforçar os laços com o que é identitário da nossa gente. Neste sentido, todas as atividades foram desenvolvidas, tendo em conta as necessidades destas pessoas e mais do que ter o reconhecimento sobre o valor artístico sobre as obras expostas na exposição Artes Sénior, pretendi valorizar a pessoa idosa como capaz, criativa e dinâmica, que pode contribuir para a dinâmica social da comunidade. Pretendi com estas iniciativas quebrar estereótipos e mostrar que esta fase da vida, a velhice, pode ser encarada com um espírito positivo e que, apesar de acarretar com ela algumas limitações e modificações negativas, também pode trazer mais-valias que podem contribuir para uma velhice saudável e feliz. Esse objetivo foi conseguido pois, os grupos participantes demonstraram vontade de visitar o museu depois das atividades e fizeram-no durante o mês de agosto e novembro do mesmo ano. A opção pela observação participante foi adequada pois permitiu-me (nos) recolher informação rica e profunda. Por outro lado, permitiu flexibilidade, pois tornou-nos possível mudar de estratégias e seguir novas pistas, sempre que se afiguravam aspetos dignos de serem analisados: a colocação de cadeiras ao longo do percurso da exposição, uma visita mais curta para não causar cansaço e para poderem realizar a atividade prática, a utilização de uma linguagem mais acessível.

Apesar de ser uma limitação, esta ferramenta, por só permitir estudar pequenos grupos, no caso concreto, não foi uma desvantagem, apesar de estar consciente que levanta problemas de generalização (Almeida, 1994). Por outro lado, o impacto positivo provocado pela ação é verificável, é tangível e consequentemente suscetível de demonstração. Por outras palavras, o procedimento adequado das práticas aqui descritas e os resultados positivos podem gerar o interesse por iniciativas idênticas noutros contextos.

No seguimento desta exposição, ambos os Centros voltaram ao espaço do museu durante o mês de agosto para visitar a exposição e voltaram no mês de novembro para participar na atividade prática desenvolvida no S.E. A. de modelagem de figuras de Natal. Durante o ano de 2015, estes dois Centros visitaram o museu quatro vezes. Tendo em conta que um dos centros nunca tinha visitado o museu e que o outro só o tinha visitado uma vez, há mais de um ano, penso que esta investigação potenciou uma aproximação deste público a este espaço e criou a intenção de criar hábitos de visita ao museu. Quanto maior for o contacto com estas pessoas e com os responsáveis das instituições com quem estas lidam, maior será o conhecimento sobre as suas expectativas e necessidades. Nesse sentido, será pertinente estabelecer parcerias de forma a orientar uma programação relevante e que faça a diferença no dia-a-dia destas pessoas.

No quadro abaixo representado, estão descritas as conclusões referentes à reflexão da investigadora.

Tabela 9 Perceções da Investigadora

Forças	Fraquezas	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ter boas condições físicas e de acessibilidade; ▪ Ter um espólio relevante para estas pessoas; ▪ Ideias Inovadoras; ▪ Localização numa área de fácil acesso; ▪ Adequação das estratégias de mediação ao público visitante; ▪ Tecer relações de afetividade com os visitantes. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cobrar entrada ao público sénior; ▪ Não ter colaboradores suficientes; ▪ Não ter orçamento suficiente para desenvolver programas mais relevantes para idosos; ▪ Ter uma oficina de pequenas dimensões; ▪ Limitada renovação de quadros como fator limitativo das funções do museu. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumento da população Sénior; ▪ Tecer parcerias com várias instituições dedicadas à Terceira Idade; ▪ Desenvolver novas estratégias de aproximação e de divulgação da sua programação; ▪ Estreitar a sua relação com os responsáveis pelos Centros de Dia com ações de formação e esclarecimento no sentido de auxiliar a visita ao museu. ▪ Aumento da procura de instituições culturais devido ao aumento do capital cultural e escolar da população.

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desafios novos com que se confrontam os museus que interferem na sua orgânica.
--	--	--

5.5 Conclusões

Destaco os resultados dos inquéritos realizados aos idosos e entrevistas aos responsáveis pelos centros e do museu, uma vez que validam as conclusões finais aqui apresentadas.

Os novos paradigmas de atuação dos museus assentes no desenvolvimento na sua função socioeducativa, convidam a uma reflexão sobre as suas ações de democratização e comunicação destinadas à comunidade incluindo as classes sociais desfavorecidas, cultural e economicamente. O abandono do estatuto de um espaço para elites e acessível só para alguns, obriga à implementação de diversificadas formas de comunicação, com o intuito de seduzir os vários públicos incluindo os mais desfavorecidos culturalmente. Neste sentido, os profissionais que proporcionam a mediação cultural no espaço museológico, exercem um papel fundamental de interlocução entre o seu acervo e os diversos públicos promovendo ações que resultam no seu afastamento ou aproximação a estes espaços, tal como afirmam Martins e Viane (2014:18): estou de acordo que a “aprendizagem/conhecimento é mais do que um conteúdo estático”.

Assim sendo, os responsáveis pelos serviços educativos dos museus deverão prestar especial atenção à sua função social e educativa, de forma a atenderem as expectativas e necessidades dos diferentes públicos, assumindo-os desta forma como um espaço de inclusão e coesão social, onde se potencia a formação de cidadãos ativos, críticos e participativos independentemente da sua classe social, grau de instrução ou faixa etária. Mas para isso é necessário um processo dinâmico, vivo e em constante estado de evolução, promotor de sinergias dialógicas e emancipadoras entre os participantes e os contextos em que estão inseridos. Os inquéritos permitiram concluir que a programação do Museu de Olaria destinada ao público sénior deveria ser mais alargada e diversificada atendendo as suas expectativas, não devendo ser pontual, mas sim sistemática. Os desafios de um serviço educativo passam então pelo desenho de atividades e programas que potenciem essa relação de aproximação e comunicação do público com os artistas e com as suas criações, contribuindo assim

para a formação cultural dos indivíduos, ao mesmo tempo que são desafiados a transformar um equipamento cultural relevante nas suas vidas, através de experiências sociais e educativas.

O crescente universo de pessoas seniores, os melhores cuidados de saúde e consequente longevidade, o aumento da escolaridade e as melhores condições económicas, pressupõem, no futuro, um aumento da procura de atividades culturais por parte destas pessoas, às quais as instituições culturais deverão dar resposta.

Neste sentido, impera a necessidade de desenhar novas políticas de atuação, de forma a ir ao encontro da procura social e cultural deste segmento etário, uma vez que estas instituições se assumem importantes na sociedade quando se afirmam como veículos que proporcionam/promovem a educação do indivíduo ao longo da vida. Neste sentido as respostas institucionais deverão ir ao encontro de toda a população mas principalmente de grupos mais vulneráveis, como são os idosos. Este grupo enfrenta problemas sociais graves: a ausência/diminuição de papéis sociais, o preconceito em relação ao envelhecimento aliado à discriminação, a necessidade de se manter ativo numa sociedade onde impera a produção e que afirma a incapacidade da pessoa idosa considerando-a muitas vezes um peso na sociedade, fazem destas pessoas vítimas de um sistema opressor e excludente.

No sentido de minimizar os efeitos negativos da velhice, estas pessoas procuram cada vez mais o preenchimento do seu tempo livre com entidades institucionais que se dedicam à chamada Terceira Idade, nomeadamente através de universidades seniores ou através de serviços das câmaras municipais e juntas de freguesia, como se verifica neste estudo. Nestas instituições procuram atividades que contribuam para um envelhecimento saudável e feliz, com momentos agradáveis de socialização e aprendizagem. Todavia, deve-se referir que o tipo de atividades escolhidos pelos idosos são condicionados pelo género e o nível de instrução das pessoas, e que, o grau de atividade e de participação social são condicionados pela idade da entrada na reforma (Faria, Teixeira e Vlachou, 2013).

Atendendo a este cenário e à mudança de atuação por parte dos museus assente na democratização da cultura, este pode exercer um papel importante estimulando a participação na vida coletiva destas pessoas contrariando a sua exclusão e quebrando preconceitos. Contudo, não basta desenhar programas destinados a este público específico e disso se orgulhar. É preciso ir mais além, é necessário encantá-los, fidelizá-los, sensibilizá-los e incentivá-los para ações participativas e afirmativas, criando assim, ações multiplicadoras. Porém, deve-se ter em conta a diversidade deste público em termos de nível socioeconómico e nível de

instrução e nesse sentido não se devem generalizar as programações nem as estratégias de aproximação.

Apesar deste estudo ter sido realizado num curto período de intervenção, a investigadora ser inexperiente neste tipo de investigação, a literatura ser escassa neste âmbito, constituiu-se no entanto, um contributo para novas abordagens às questões de mediação cultural com pessoas idosas no contexto de um museu.

Pode-se então concluir que, apesar do leque alargado e heterogéneo de pessoas seniores, é pertinente iniciar esta aproximação através de uma franja deste grupo da população, nomeadamente através dos centros de dia e de convívio, pois estes são os principais responsáveis por levar estas pessoas ao espaço do Museu. A partir deste estudo, concluiu-se também que ainda há um longo caminho a percorrer no sentido de se encontrar novas estratégias de aproximação destas duas margens que se pretendem unir e fortalecer.

Outra das conclusões é que uma aproximação eficaz com este público não se faz somente com bons recursos materiais e físicos, mas com pessoas com um perfil humano, sensível e criativo que desenvolvam bons projetos e programas relevantes, que podem fazer a diferença na vida destas pessoas. As principais estratégias de aproximação a este público poderão passar por:

- Tecer uma maior proximidade com os responsáveis pelos Centros de Dia e de Convívio;
- Desenvolver novas ações de divulgação da programação com os responsáveis pelos Centros como por exemplo através de contacto telefónico ou com convites personalizados para os Centros do Concelho;
- Auxiliar a planificação da visita ao museu, fazendo a caracterização dos grupos quanto ao seu grau de instrução e condição física;
- Incentivar a visita com promoções ou até proporcionar visitas gratuitas;
- Incentivar a visita em diversos contextos culturais e sociais;
- Ampliar as atividades com diversas temáticas;
- Coordenar ações com os centros através de *workshops* ou projetos especialmente desenhados para estas pessoas.

Verificou-se que quando os Responsáveis dos Centros estão motivados a inserir a visita ao museu nas suas planificações, estes visitam-no com satisfação e servem-se

dele para proporcionar aos seus utentes momentos agradáveis de socialização e aprendizagem, indo ao encontro das orientações gerontológicas da Organização Mundial de Saúde de promoção de um envelhecimento ativo.

Do ponto de vista dos idosos, estes descrevem o Museu de Olaria como um espaço acolhedor e com boas condições de acessibilidade. Referem ainda que gostariam de o visitar mais vezes, por isso a sua programação deveria ser mais diversificada.

Comprovou-se também que a maioria dos idosos considerou que a visita ao museu contribui para o seu bem-estar e que estas duas intervenções fortaleceram a sua relação com este público. Após este estudo, os dois Centros participantes voltaram novamente ao espaço do museu no mês de agosto para revisitar a exposição *Artes Sénior* e em novembro para revisitar a exposição *Representações do Mundo Rural no Figurado* e realizar a atividade prática na oficina do S.E.A. de elaboração de figuras de Natal em barro.

Este estudo vem reafirmar a importância das instituições culturais na promoção do envelhecimento ativo. Estas têm um importante papel a desempenhar na coesão social e na integração de grupos mais vulneráveis, como é o caso dos idosos. Neste sentido é urgente uma intervenção ativa junto destes grupos, com equipas de trabalho sensíveis, dedicadas e competentes, que respondam às necessidades das comunidades, cumprindo assim a responsabilidade social deste equipamento cultural. As ações de democratização da cultura passam por atender todas as pessoas, desde os mais novos até os mais idosos. Nesse sentido, o desafio passará por incentivá-los, seduzi-los e encantá-los com o desenho de ações que despertem o seu interesse.

5.6 Implicações desta Investigação para Futuros Estudos e Práticas

Esta investigação-ação ajudou a despertar consciências e a confirmar o que Amado (2011) afirma, que as questões de património contribuem para a melhoria do nível de vida das populações, indo ao encontro de Fernandez (1999:83) que reforça esse pensamento referindo que a razão de ser dos museus é estar ao serviço da comunidade e ser ator de desenvolvimento cultural social e económico

Exposições, *workshops*, visitas guiadas, devem ter em conta o seu carácter didático, sendo o museu entendido atualmente como um instrumento de transformação social e espaço de educação não formal. Comprovou-se através desta investigação-ação que a filosofia de Paulo Freire (2001), de aprendizagem informal, se reflete no contexto da museologia pois, os idosos neste, puderam ter oportunidade de serem eles próprios e exprimir as suas emoções através da Arte e cultura.

Motivar uma participação ativa por parte dos monitores do museu e os responsáveis dos Centros, permitiu uma elaboração ativa e o sucesso do processo de inclusão e idosos e consequente criação de ecossistemas comunitários saudáveis. Tal como afirmou Faria (1995:191) os museus têm vindo a procurar alargar os seus públicos e a contrariar a sua conotação com elites, tentando como no caso do Museu de Olaria, torna-lo acessível a todos os públicos.

O principal debate quanto ao futuro do museu deve situar-se entre aprendizagem e lazer como forma de aliviar as tensões do quotidiano permitindo aos visitantes tornarem-se espectadores críticos do seu próprio papel na realidade museológica. Por outro lado, os profissionais dos S.E.A. devem manter um olhar transversal sobre o desenvolvimento de práticas efetivas e inclusivas de relacionamento com os públicos, conjugando os seguintes fatores de sucesso:

- Valorização das vivências e experiências dos visitantes favorecendo a autoestima;
- Criação de relações de afetividade e cumplicidade entre participantes de Centros de convívio e respetivos responsáveis, diretores de museus e responsáveis de Serviços Educativos, investigadores e outros colaboradores a partir do reforço de parcerias;
- Reconhecimento dos “sentidos ganhos” pelo contacto com o património cultural, como poderoso instrumento de referência identitária e desenvolvimento comunitário; e por fim
- Reforço da mediação cultural como componente intermediária entre agentes culturais e questões sociais, devendo as práticas dos mediadores ser norteadas por crenças, valores e perspetivas, que transformem conflitos em formas de inclusão.

Resta-nos refletir sobre as diversas perspetivas apresentadas no enquadramento teórico deste estudo, cujos resultados não podem ser generalizados, e

acreditar que o sucesso ou fracasso das ações culturais dependerá fundamentalmente de uma participação ativa e responsável dos agentes culturais, do diálogo constante entre visitantes e espaços visitados e da sua capacidade para despertar curiosidades, aguçar interesses e promover o contacto com o património (Marandino, 2008:5), reduzindo os efeitos de isolamento e exclusão social da população sénior.

Sugerem-se outros estudos de natureza qualitativa cujo objeto de interesse esteja centrado num processo, ou seja, as transformações que se vão alterando nos participantes (responsáveis do museu e estes visitantes), ao nível das decisões (no que diz respeito à programação de atividade e gestão de espaços) e ao nível mental (no que diz respeito às perceções dos visitantes), numa perspetiva de compreensão interpretativa das interações humanas e de redução de problemas.

BIBLIOGRAFIA

Adereminho. Produtos e Serviços

Consultado a 14 de janeiro de 2015 em:

http://www.adereminho.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=115&Itemid=69

Amado, M.M. (2011). O Museu do Pão em Seia_ Uma iniciativa de desenvolvimento local com expressão nacional. Tese de Mestrado, versão online. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Araújo, S. (2004). Cultura e educação: uma reflexão com base em Raymond Williams. In: *Reuniao Anual da Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação* (pp.1-12) Caxambu: ANPED.

Barreto, A. (1990). *Figurado de Barcelos*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Barriga, S. (2007). Serviços Educativos da Cultura. In S. Barriga & S. Silva (Ed.) *Plano de Ação Educativa: alguns contributos para a sua elaboração* (Vol.2, Chap2, pp43-56). Porto: Setepés. Consultado a 14 de janeiro de 2015 em: <http://www.setepes.pt/lmgs/Coleccao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf>

Bina, E. (s.d.). *Museus: Espaços de Comunicação, Interação e Mediação Cultural*. Disponível em:

Bogdan, R. Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.

Cohen, L. e Manion, L. (1990). *Métodos de investigación educativa*. Madrid: Editorial La Muralla.

Cohen, L.; Manion, L. (1994). "Research Methods in Education" (4ª Edição), London: Routledge Kegan Paul.

Costa, L. (2009). Um estudo de caso sobre a mediação cultural. In: *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador: Faculdade de Comunicação.

Coménio, J. A. (1985). *Didáctica Magna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado em latim em 1657).

- Coutinho, C. (2008). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Braga: Universidade do Minho.
- Cruz, A. (2005). Figurado de Galegos: A vida das formas e as formas de vida, In *Figurado Português: de santos e diabos está o mundo cheio*. (coord.) Isabel Maria Fernandes. Porto: Livraria civilização Editora. ISBN: 972-26-2393-1
- Cruz, A. (2009). *Artes de Mulheres à altura das suas mãos_ O figurado de Galegos Revisitado*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cruz, A. (20112) *As Políticas Culturais e os Museus_ Que sustentabilidade?- O museu do Traje (Viana do Castelo) - um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em GAC. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação.
- Cury, M.X. (2008). *Museus – Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento*. Consultado a 2 de setembro de 2015 em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16583>.
- Duarte, A. (2007). *Serviços Educativos da Cultura*. In S. Barriga &S. Silva (Ed.) *Museus e Comunidades* (Vol. 2, Chap.3, pp.79-97). Porto: Setepés.
Consultado a 14 de janeiro de 2015 em:
<http://www.setepes.pt/lmgs/Coleccao%20Publicos%20%20Servicos%20Educativos.pdf>
- Elliot, J. (1994). *El Cambio Educativo desde la Investigación-Acción*, Madrid: Ediciones Morata, S.L.
- Faria, M., Teixeira, G.& Vlachou, M. (2013). *Museus e Público Sénior em Portugal: Percepções, utilizações, recomendações: Fundação Calouste Gulbenkian, GAM*. Consultado a 2 de setembro de 2015 em: http://www.gulbenkian.pt/media/files/agenda/eventos13/Brochura_Museu_08_03_Book.pdf.
- Faria, M. L. (1995). *Museus: Educação ou Divertimento?. Uma análise da experiência museológica segundo o modelo figuracional de Norbert Elias e Eric Dunning*, In *Revista Crítica de Ciências Sociais* Nº 43, Outubro. (171-195).
- Fernández, L. (1999). *Introducción a la nueva Museologia*. Madrid: Alianza Editorial, S.A..
- Freire, P. (2001). *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra.

- Gil, A. (2006). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora.
- Kemmis, S., McTaggart, R. (1992). *Cómo Planificar la Investigación-acción*. Barcelona:Laertes.
- Lei de Bases do Sistema Educativo. (2005)
Disponível em:
www.uma.pt/.../wp.../07/lei-de-bases-do-sistema-educativo.pdf
- Lemos, M.E.S. (2011). *O Artesanato Como Alternativa de Trabalho e Renda*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Disponível em:
http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1484/1/2011_Dis_MESLemos.pdf
- Marandino, M. (2008). *Educação em Museus: a mediação em foco*. (Chap2,pp.20-29).São Paulo:FEUSP, Universidade de São Paulo.
- Martins, L.;Viane, I. (2014). La mediación socioeducativa com ecologia de la inclusión escolar, In Guichot-Muñoz; E, Fernandez-Gavira,J.;González-Monteagudo, J. (Eds.). *Formacion y Mediación para la Inclusion Social-Contribuciones en Investigación e Intervención*.Universidad de Seevilla. ISBN:978-84-697-1845-2(17-26)
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação - acção*. Porto: Porto Editora.
- Mendes, C. (2010). *O Museu da Resistência: Museu Transnacional*. Tese de mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
Disponível em:
<https://repositorioaberto.up.pt/.../TESMEMESCARLOSMENDES000126869.pdf>
- Mendes, M., Gusmão, J., Faro, A.& Leite, R. (2005). *A situação social do idoso no Brasil: Uma breve consideração*. Consultado a 10 de junho de 2015 em:
<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf>.
- Moura, A. (2000). "Prejudice Reduction in Teaching and Learning Portuguese Cultural Heritage". Tese de Doutoramento. Londres: Universidade de Surrey/Roehampton.
- Moura, A.; Cruz, A. (2006). Tradições hiddenstream em Arte: Valores e Preconceitos, In Ensinarte- revista das artes em contexto educativo, (7;8) Braga IEC/UM.(42-50).

Moura, A. (2003). "Desenho de uma Pesquisa: Passos de uma Investigação-Ação", In Revista Educação, (28),1, CAL/UFSM, Centro de Artes e Letras, Santa Maria, Jan/Jun 2003, pp.09-31, ISSN 0101-9031.

Museu de Olaria (s.d.). *Museu de Olaria*. Barcelos: Município de Barcelos.

Museu de Olaria (s.d.). *Vida e Arte do Povo*. Barcelos: Museu de Olaria.

Milhazes, M. C. (2002). *Figurado: Uma Visão do Mundo*. Barcelos: Museu Aberto #7

Oliveira, C; Souza, C.; Freitas, T. & Ribeiro, C. (2006). *Idosos e Família: Asilo ou Casa*. Consultado a 17 de junho de 2015 em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0281.pdf>.

Paula, T. (2012). *A MEDIAÇÃO EM MUSEUS: um estudo do projeto "Veja com as mãos"*. Tese de Mestrado, Marília: Universidade Estadual Paulista.

Pordata.(2015). Indicadores de envelhecimento segundo os Censos em Portugal Consultado a 7 de janeiro de 2015 em: <http://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.

Rios, C., Ramos, G., & Rêgo, P. (2006). *As Voltas do Figurado*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos.

Santos, J. (2009). *Rede Portuguesa de Museus: as formas de articulação e cooperação inter-museus*, Tese de Mestrado, Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.

Sampieri, R. et al (2006). *Metodologia de Pesquisa*. S. Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil.

Silva, M. (1996). *Práticas educativas e construção de saberes: metodologias da investigação-ação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Silva, S. (2007). *Serviços Educativos da Cultura*. In S. Barriga & S. Silva (Ed.) *Enquadramento Teórico para uma Prática Educativa nos Museus* (Vol. 2, Chap.2, pp.57-66). Porto: Setepés. Consultado a 14 de janeiro de 2015 em: <http://www.setepes.pt/lmgs/Coleccao%20Publicos%20%20Servicos%20Educativos.pdf>

Simões, A. (2010). *A influência da animação artística na qualidade de vida dos idosos*, Tese de Mestrado, Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação

Teixeira Coelho, J. (2004). *Dicionário crítico de políticas culturais*. (3. Ed). São Paulo: Iluminuras.

Trigo, M. (2012). *Os efeitos da Intervenção artística na população idosa institucionalizada*, Tese de Mestrado, Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Escola Superior de Educação.

Varine, H. (1996). Respostas de Hugues de Varine a Máno Chagas, In Cadernos de Sociomuseologia, Nº 5. Lisboa: ULHT.

Villani, F.L. (2008). *Os Aspectos Éticos que Envolvem a Educação na Terceira Idade*. Revista Kairós: Gerontologia. São Paulo.V.11,n.1, Junho,2008,ISSN 1516-2567.59-77.

ANEXOS

ANEXO I
PROGRAMA MUSEU SÉNIOR

MUSEU SÉNIOR



O Museu de Olaria desenvolve atividades no âmbito do programa **MUSEU SÉNIOR**, dirigido a pessoas com mais de 65 anos e reformados. Inclui uma visita guiada às exposições do museu e a realização de uma atividade prática. Sendo o museu um local de memórias e vivências, os participantes têm a oportunidade de relembrar o passado e, ao mesmo tempo, vivenciar novas experiências que promovem a interação social e uma vida mais ativa.

RECORDAR O PASSADO

Na exposição "Olaria Norte de Portugal", estão disponíveis ao público diversas peças de olaria portuguesa que fizeram parte do quotidiano de várias gerações. Talhas, cântaros, alguidares e potes do mel, são alguns dos objetos que podem ser observados durante a visita guiada à exposição. Nesta visita, os participantes podem recordar episódios do passado, como a ida à fonte com o cântaro, a conservação dos alimentos nas talhas, as tradições da agricultura, entre outros, permitindo esta viagem no tempo, conhecer peças de olaria de diferentes locais do Norte de Portugal. No final da visita guiada é desenvolvida uma atividade de modelagem em barro, onde os participantes podem recriar alguns dos objetos da sua infância.

Preço: 2.20€/ participante

Duração da atividade: 90 minutos

Horário: 10h00 - 12h00 | 14h00 - 17h00

REPRESENTAÇÕES DO FIGURADO DE BARCELOS

O Figurado resulta do trabalho efetuado pelos barristas que se dedicam a modelar manualmente peças em barro, as quais na sua essência representam o imaginário ou a realidade do seu quotidiano.

Esta atividade inicia com a visita guiada à exposição "Representações do Mundo Rural no Figurado", onde estão expostas peças e fotografias com diferentes representações do quotidiano rural. Terminada a visita, os participantes são convidados a modelar uma peça de Figurado em barro, nos ateliês do Serviço Educativo e de Animação do Museu de Olaria.

Preço: 2.20€/ participante

Duração da atividade: 90 minutos

Horário: 10h00 - 12h00 | 14h00 - 17h00

MARCAÇÕES E INFORMAÇÕES:

Museu de Olaria | Rua Cônego Joaquim Garolas | 4750 - 306 Barcelos

Telefone: 253 824743

E-mail: museuolaria@cm-barcelos.pt

E-mail Serviço Educativo e de Animação: servicoeducativo@cm-barcelos.pt

Horário do Museu:

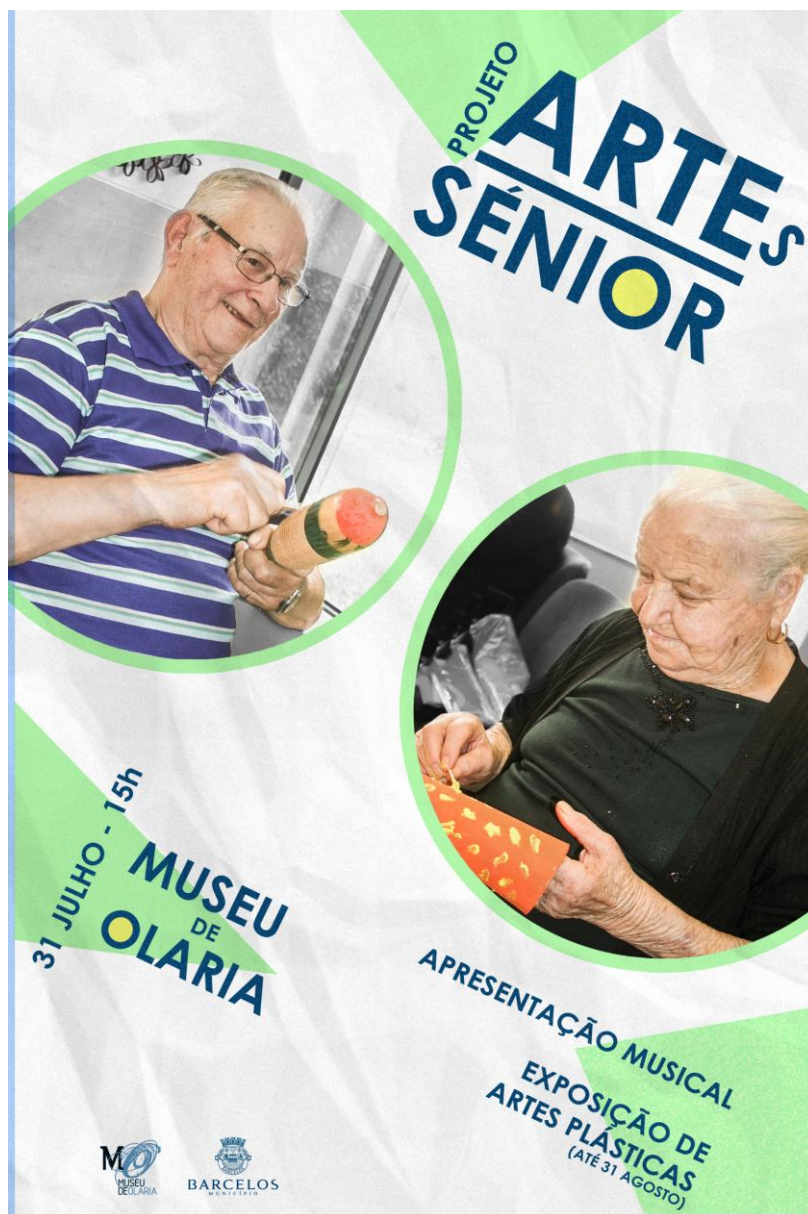
Terça a sexta-feira: 10h00 - 17h30

Sábados, domingos e feriados: 10h00 - 12h30 | 14h00 - 17h30

As atividades do programa **MUSEU SÉNIOR** são ajustadas às necessidades de cada grupo de idosos.

ANEXO II

CARTAZ E CONVITE DA EXPOSIÇÃO
ARTES SÉNIOR



ANEXO III

**GUIÃO DE ENTREVISTA À DIRECTORA DO
MUSEU**

Guião de entrevista à Diretora do Museu de Olaria

Esta entrevista insere-se no âmbito da minha tese de mestrado em Gestão Artística e Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Estou a desenvolver um estudo que visa avaliar, testar e refletir práticas de mediação cultural com vista ao fortalecimento da relação do público sénior com o Museu de Olaria.

Esta entrevista serve para recolher informações sobre o funcionamento do Museu de Olaria, é confidencial e a informação recolhida será apenas utilizada no âmbito deste estudo.

Agradeço desde já a sua participação.

1. Há quanto tempo trabalha no Museu de Olaria?
2. Qual é o número anual médio de visitantes ao Museu de Olaria?
3. Com que frequência são procurados pelo público Sénior e em que contexto?
4. Que estratégias implementam para atrair este público específico?
5. Pensa ser pertinente desenvolver novas estratégias de aproximação a este público, nomeadamente através dos Centros de Dia e de Convívio? Porquê?
6. Com que objetivos desenham o programa Museu Sénior? Têm atingido esses objetivos?
7. Quais são, na sua opinião, os entraves ou as maiores dificuldades para estabelecer essa aproximação?
8. Sente que o museu contempla as condições necessárias para receber com qualidade o público Sénior, isto é, reúne as condições necessárias de acessibilidade, recursos humanos e materiais de forma a ter um serviço completo de qualidade?
9. Qual o feedback que têm em relação a este público que vem através dos Centros de Dia? O que é que mais gostam e o que é que menos apreciam na visita ao museu?
10. Alguma vez pensaram em estabelecer parcerias com Instituições como Lares ou Centros de Dia e Convívio, de forma a criar laços e hábitos culturais neste público específico?

11. Na sua opinião, seria pertinente desenvolver outras atividades dentro do museu, como por exemplo, teatros, concertos, entre outros destinados ao público sénior?
12. Na sua opinião, foi importante ter realizado no museu a exposição “Artes Sénior”, porquê?
13. Acha que essa exposição contribuiu para aproximar este público ao museu?
14. Gostaria de ter mais visitantes Seniores no seu museu e com mais regularidade? Porquê?

Muito obrigada pela disponibilidade.

FIM

ANEXO IV

**GUIÃO DE ENTREVISTA À RESPONSÁVEL
PELO SERVIÇO EDUCATIVO DO MUSEU**

Guião de entrevista
à responsável pelo Serviço Educativo do Museu de Olaria

Esta entrevista insere-se no âmbito da minha tese de mestrado em Gestão Artística e Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Estou a desenvolver um estudo que visa avaliar, testar e refletir práticas de mediação com vista ao fortalecimento da relação do público sénior com o Museu de Olaria.

Esta entrevista serve para recolher informações sobre o funcionamento do Museu de Olaria, é confidencial e a informação recolhida será apenas utilizada no âmbito deste estudo.

Agradeço desde já a sua participação.

1. Qual a sua formação base?
2. Há quanto tempo trabalha no Museu de Olaria?
3. O que levou o Museu a desenhar um programa específico para este público?
4. Que objetivos pretende alcançar com programa Museu Sénior? Têm alcançado esses objetivos? Como?
5. Acha importante fazer uma aproximação entre o público Sénior e o Museu de Olaria? Porquê?
6. Acha que o Museu e mais concretamente o espaço do S. E. reúne as condições necessárias para receber com qualidade estes visitantes?
7. Na sua opinião, quais são os maiores desafios para cativar a atenção deste público?
8. Como preparam a visita ao museu com pessoas idosas? Fazem alguma planificação diferenciada em relação aos outros públicos?
9. Que feedback obtém, dos responsáveis pelos centros e dos utentes depois da visita?
10. Gostaria de receber com mais regularidade este público? Porquê?

Muito obrigada pela disponibilidade.

FIM

ANEXO V

**GUIÃO DE ENTREVISTA AOS
RESPONSÁVEIS PELOS CENTROS**

Guião de entrevista aos responsáveis pelos Centros de Dia

Esta entrevista insere-se no âmbito da minha tese de mestrado em Gestão Artística e Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Estou a desenvolver um estudo que visa avaliar, testar e refletir práticas de mediação cultural com vista ao fortalecimento da relação do público sénior com o Museu de Olaria.

Esta entrevista é confidencial e a informação recolhida será apenas utilizada no âmbito deste estudo.

Agradeço desde já a sua participação.

1. Quantos utentes têm neste momento o Centro?
2. Qual é a média de idades dos utentes? E quanto ao género?
3. Que doenças sofrem os idosos que frequentam o Centro?
4. Costumam visitar Instituições Culturais, tais como, bibliotecas, galerias, teatros, museus? Com que regularidade?
5. Gostaria de frequentar mais vezes estes espaços? Quais são os principais entraves para que isso não aconteça?
6. Tem os recursos necessários para deslocar os utentes para essas visitas? Se não tem, o que está em falta?
7. Conhece o Museu de Olaria? Qual a sua opinião sobre este espaço cultural?
8. Tem acesso à sua programação? Como?
9. Tem conhecimento do programa desenvolvido pelo museu destinado ao público Sénior?
10. Sabe o nome desse programa e os seus objetivos? Se sim, como teve conhecimento?
11. Costumam regularmente visitar o museu? Porquê?
12. Quantas vezes visitaram este ano o museu? Em que contexto?
13. Sente-se bem recebido quando visita o museu com os seus utentes?
14. Na sua opinião, os utentes gostam de visitar o museu? Qual é o feedback que obtém depois de uma visita ao museu? O que é que apreciam mais e o que é que apreciam menos?
15. Na sua opinião a visita ao museu tem mais-valias para o idoso? Se sim, quais?

16. Acha que o museu está capacitado para receber com qualidade a pessoa idosa? Na sua opinião, quais são os seus pontos fortes e quais são os pontos que devem ser melhorados?
17. Acha que o Museu de Olaria pode ter um papel importante na inclusão social e melhoramento da qualidade de vida dos idosos do concelho? Como?
18. Na sua opinião, seria pertinente estabelecer parcerias com o Museu de Olaria? Isto é, seria uma mais-valia o museu aliar-se aos vossos serviços de forma a contribuir para um envelhecimento mais ativo, saudável e feliz da população do concelho?
19. Na sua opinião foi importante a realização da exposição “Artes Sénior” no Museu? Porquê?
20. Tendo em conta a sua experiência na visita ao Museu de Olaria, que recomendação deixa para a melhoria do seu serviço em relação a este público?

Obrigada pela disponibilidade.

FIM

ANEXO VI

**INQUÉRITOS AOS IDOSOS NA 1ª VISITA AO
MUSEU**

INQUÉRITO

Esta entrevista insere-se no âmbito da minha tese de mestrado em Gestão Artística e Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Estou a desenvolver um estudo que visa avaliar, testar e refletir práticas de mediação cultural com vista ao fortalecimento da relação do público sénior com o Museu de Olaria.

Este questionário serve para conhecer a sua opinião sobre o Museu de Olaria, é confidencial e a informação recolhida será apenas utilizada no âmbito deste estudo.

Agradeço desde já a sua participação.

Dados do Visitante

1. Idade: _____

2. Género:

Feminino

☐

Masculino

☐

3. Frequentou a escola?

Sim

☐

Não

☐

3.1 Se sim, que nível de escolaridade tem?

4º

☐

6º

☐

Outro: _____

4. Reside em que Freguesia? _____

5. Com quem vive?

Familiares

☐

Sozinho(a)

☐

Outro: _____

6. Tem algum tipo de incapacidade?

Sim

☐

Não

☐

6.1. Se sim, qual:

Visual

☐

Manual

☐

Locomoção

☐

Outro: _____

Apreciação Global da Visita

7. Conhecia o Museu de Olaria?

Sim ☐ Não ☐

7.1 Quem lhe deu a conhecer o Museu de Olaria? _____

8. Já tinha visitado o Museu de Olaria?

Sim ☐ Não ☐

8.1 Se sim, quantas vezes visitou o Museu?

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ Mais de 4 ☐

8.2 Quando é que foi a sua última visita ao Museu de Olaria? Há mais de:

1 mês ☐ 6 meses ☐ 1 ano ☐ 1 ano e meio ☐ Mais de 2 anos ☐

8.3 Com quem veio na(s) última(s) vez(es) ao Museu?

Sozinho(a) ☐ Familiares ☐ Amigos ☐ Com o Centro ☐

9. Gostou de visitar o Museu?

Sim ☐ Não ☐

9.1 Se não, porquê? _____

9.2 Sentiu-se bem/ feliz com a visita ao Museu?

Sim ☐ Não ☐

9.3 Qual o grau de satisfação na visita ao museu?

Pouca satisfação ☐ Satisfação ☐ Muita satisfação ☐

9.4 O que mais gostou?

Exposição ☐ Ambiente ☐ Passeio ☐ Convívio ☐ Outro: _____

10. A visita superou as suas expetativas?

Sim ☐ Não ☐

11. Gostou das exposições?

Sim ☐ Não ☐

11.1 Se sim, porquê? _____

11.2 Se não, porquê? _____

11.3 Sentiu-se nostálgico ao visitar as exposições?

Sim ☐ Não ☐

11.4 Sentiu-se bem, recordando as suas vivências nas peças expostas?

Sim ☐ Não ☐

12. Gostou da atividade de pintura do Galo de Barcelos?

Sim ☐ Não ☐

12.1 Se não, porquê? _____

13. Gostou do desempenho dos dinamizadores das atividades?

Sim ☐ Não ☐

14. Sentiu-se bem recebido no Museu?

Sim ☐ Não ☐

15. A visita ao Museu contribuiu para passar melhor o tempo?

Sim ☐ Não ☐

16. Teve dificuldades no acesso ao Museu?

Sim ☐ Não ☐

16.1 Se sim, onde? _____

17. Durante a visita à exposição cansou-se?

Sim ☐ Não ☐

17.1 Se sim, teve sítios para descansar?

Sim ☐ Não ☐

18. Achou a visita longa?

Sim ☐ Não ☐

19. Sentiu-se confortável com a temperatura no Museu?

Sim ☐ Não ☐

19.1 Se não, teve:

Frio ☐ Calor ☐

20. Teve fácil acesso ao WC?

Sim ☐ Não ☐

21. Gostaria de voltar a visitar o Museu?

Sim ☐ Não ☐

22. Deixe uma sugestão para melhorar o serviço do Museu de Olaria.

Muito obrigada pela disponibilidade!

FIM

ANEXO VII

**INQUÉRITOS AOS IDOSOS NA
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO “ARTES
SÉNIOR”**

INQUÉRITO

Este questionário insere-se no âmbito da minha tese de mestrado em Gestão Artística e Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Estou a desenvolver um estudo que visa avaliar, testar e refletir práticas de mediação cultural com vista ao fortalecimento da relação do público sénior com o Museu de Olaria.

Este questionário é confidencial e a informação recolhida será apenas utilizada no âmbito deste estudo.

Agradeço desde já a sua participação.

1. Gostou de ver a exposição onde participou patente no Museu de Olaria?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

2. Sentiu-se feliz/importante na inauguração da exposição “Artes Sénior”?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

3. Sentiu-se orgulhoso(a) por ver os seus trabalhos expostos no museu?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

4. Sentiu-se emocionado(a) ao ver os seus trabalhos expostos e com a possibilidade de muitas pessoas verem o seu trabalho?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

5. Sente vontade de voltar a participar em atividades artísticas para novamente expor no museu?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

6. Sente que o seu trabalho foi mais valorizado por ter sido exposto no museu?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

7. Sentiu que de alguma forma a sua participação no projeto “Artes Sênior” e sequente exposição no Museu de Olaria, contribuiu para se sentir mais valorizado, útil e capaz?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

8. Sentiu que poderá ter contribuído para que a sociedade veja a pessoa idosa com mais respeito e admiração?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

9. Visitou o museu depois da inauguração da exposição?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

10. Sentiu que pode ter contribuído, através da exposição, para que outras pessoas idosas se sentissem capazes e motivadas para participarem em atividades deste género?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

11. Convidou pessoas amigas / familiares para visitarem a exposição?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

12. Sentiu que, de certa forma, esta exposição serviu para quebrar preconceitos sobre o envelhecimento, mostrando que a pessoa idosa também é capaz, criativa e dinâmica?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

13. Sente vontade de voltar a visitar o museu?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

14. Gostava de frequentar com mais regularidade o museu?

Sim ☐

Não ☐

Neutro ☐

Muito obrigada pela disponibilidade!

FIM

ANEXO VIII

PEDIDOS DE AUTORIZAÇÃO

Barcelos, ____ de maio de 2015

Assunto: Pedido de autorização para realizar uma entrevista, um inquérito, fotografar e filmar os utentes na visita ao Museu de Olaria.

Exmo. Senhor

Diretor (a) do Centro de Dia

Como discente do curso de mestrado de Gestão Artística e Cultural, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por este meio solicitar a Vossas Exas. um pedido de autorização para realizar uma entrevista, um inquérito, fotografar e filmar aos vossos utentes na visita ao Museu de Olaria, para um estudo no âmbito da minha tese.

O estudo tem como finalidade a reflexão sobre a relação do público sénior com o Museu de Olaria em Barcelos.

Este estudo será de carácter anónimo, serão respeitados todos os procedimentos éticos e a informação recolhida será utilizada para fins meramente académicos.

Grata pela vossa atenção, apresento os melhores cumprimentos,

Cristiana Sá

Barcelos,___ de maio de 2015

Assunto: Pedido de autorização para realizar uma entrevista, inquérito, fotografar e filmar os utentes na visita ao Museu de Olaria.

Exma. Senhora
Diretora do Museu de Olaria

Como discente do curso de mestrado de Gestão Artística e Cultural, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por este meio solicitar a Vossa Exa. um pedido de autorização para realizar uma entrevista, um inquérito, fotografar e filmar os utentes dos centros sociais de Rio Côvo Sta. Eugénia e Carapeços na visita ao Museu de Olaria, para um estudo no âmbito da minha tese.

O estudo tem como finalidade a reflexão sobre a relação do público sénior com o Museu de Olaria em Barcelos.

Este estudo será de carácter anónimo, serão respeitados todos os procedimentos éticos e a informação recolhida será utilizada para fins meramente académicos.

Grata pela sua atenção, apresento os melhores cumprimentos,

Cristiana Sá

Barcelos, ____ de julho de 2015

Assunto: Pedido de autorização para realizar um inquérito e fotografar os utentes na inauguração da exposição “Artes Sénior” no Museu de Olaria.

Exmo. Senhor

Diretor (a) do Centro de Dia

Como discente do curso de mestrado de Gestão Artística e Cultural, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por este meio solicitar a Vossas Exas. um pedido de autorização para realizar um inquérito e fotografar os vossos utentes na inauguração da exposição “Artes Sénior” no Museu de Olaria, para um estudo no âmbito da minha tese.

O estudo tem como finalidade a reflexão sobre a relação do público sénior com o Museu de Olaria em Barcelos.

Este estudo será de carácter anónimo, serão respeitados todos os procedimentos éticos e a informação recolhida será utilizada para fins meramente académicos.

Grata pela vossa atenção, apresento os melhores cumprimentos,

Cristiana Sá

Barcelos, ____ de julho de 2015

Assunto: Pedido de autorização para fotografar e filmar os utentes dos Centros de Rio Côvo Sta. Eugénia e Carapeços na inauguração da exposição “Artes Sénior” no Museu de Olaria.

Exma. Senhora
Diretora do Museu de Olaria

Como discente do curso de mestrado de Gestão Artística e Cultural, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por este meio solicitar a Vossa Exa. um pedido de autorização para fotografar e filmar os utentes dos Centros de Rio Côvo Sta. Eugénia e Carapeços na inauguração da exposição “Artes Sénior” no Museu de Olaria, para um estudo no âmbito da minha tese.

O estudo tem como finalidade a reflexão sobre a relação do público sénior com o Museu de Olaria em Barcelos.

Este estudo será de carácter anónimo, serão respeitados todos os procedimentos éticos e a informação recolhida será utilizada para fins meramente académicos.

Grata pela sua atenção, apresento os melhores cumprimentos,

Cristiana Sá